

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

Luci Schmoeller

**A EXPERIÊNCIA DA MIGRAÇÃO COMO MEIO PARA
ENTENDER O SUJEITO MODERNO**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de mestre em linguística.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Luiz Lopes da Silva.

Florianópolis
2011

Catlogação na fonte elaborada pela biblioteca da
Universidade Federal de Santa Catarina

A ficha catalográfica é confeccionada pela Biblioteca Central.

Tamanho: 7cm x 12 cm

Fonte: Times New Roman 9,5

Maiores informações em:

<http://www.bu.ufsc.br/design/Catalogacao.html>

Luci Schmoeller

A EXPERIÊNCIA DA MIGRAÇÃO COMO MEIO PARA ENTENDER O SUJEITO MODERNO

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “Mestre” e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-graduação em Linguística.

Florianópolis, 24 de agosto de 2011.

Profa. Dra. Rosângela Hammes Rodrigues
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Fábio Luiz Lopes da Silva
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Profa. Dra. Mary Elizabeth Cerutti Rizzatti
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Prof. Dr. Sandro Braga
Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL

Para meus pais, camponeses
migrantes, por me ensinarem a ser o
que sou.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu marido pelo apoio.

Agradeço ao meu professor e orientador, Fabio Lopes da Silva, por me acolher tão bem e acreditar em mim.

Agradeço às pessoas que me receberam em suas casas e compartilharam suas experiências de vida.

Agradeço, por fim, à Marinha do Brasil, por me liberar das horas de trabalho para o cumprimento de minhas atividades acadêmicas.

O Senhor... mire e veja, o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou [...], que a coisa mais linda é que o homem não está nunca terminado.

(Guimarães Rosa, 1963)

RESUMO

A globalização impôs ao sujeito moderno um processo de constante transformação de suas relações sociais e, conseqüentemente, de sua identidade. Este trabalho propôs-se a discutir o descentramento da identidade, que é próprio do sujeito moderno. Para tanto, foram colhidas cinco entrevistas - sendo duas submetidas à análise descritiva - realizadas com migrantes radicados em Joinville (SC) nas últimas três décadas, atraídos pela crescente oferta de empregos devido à industrialização da cidade. Recorreu-se ao método da Análise do Discurso (AD) para identificar as marcas linguísticas que configuram o deslocamento da identidade do homem do campo inserido no contexto urbano e o descentramento da identidade experimentado por ele. Os resultados desta pesquisa evidenciaram um sujeito cindido, marcado pela fluidez que é constitutiva da identidade, ao mapear suas experiências de vida na cidade e no campo. Esse aspecto da identidade é um exemplo das conseqüências da modernidade a que se está sujeito.

Palavras-chave: Identidade. Modernidade. Linguagem. Migração.

ABSTRACT

The globalization has imposed on the modern subject a process of constant changes in his or her social relations, and thus in his or her identity. This study set out to discuss the decentering of the identity, which is inherent in the modern subject. To accomplish this, two of five interviews were descriptively analyzed. The interviewees were migrants living in Joinville (SC) for the last three decades, attracted by the increased job opportunities which arose from the industrialization of the city. The Discourse Analysis Method was used to identify the linguistics marks that configure the displacement of the identity of the person from the country inserted into the urban context and the identity decentering experienced by him or her. The results show evidence of the existence of a split subject, marked by fluidity, which constitutes the identity, by mapping his or her life experiences in the city and on the country. This aspect of the identity is an example of the consequences brought by the modernity and which one may undergo.

Keywords: Identity. Modernity. Language. Migration.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Panfleto divulgando a existência de emprego na Fundação Tupy	51
---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Lista das pessoas entrevistada	49
Tabela 2- Evolução Demográfica de Joinville 1900 – 1920.....	50
Tabela 3- Distribuição da População – 1970 – 1991.....	51
Tabela 4- Estrutura da entrevista I.....	68
Tabela 5- Ambientes de <i>Confiança</i> e <i>Risco</i> nas Culturas Pré-modernas e Modernas	80

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	27
2 A CONSTRUÇÃO DO SUPORTE TEÓRICO	33
2.1 Sujeito e Discurso - um breve histórico dos estudos do sujeito na linguagem.....	33
2.2 A questão da Identidade	37
2.3 O homem e a terra	42
2.4 A dicotomia campo e cidade	44
3 A CONSTRUÇÃO DA METODOLOGIA DE PESQUISA:	47
3.1 Joinville na década de 70: uma cidade de braços abertos.....	49
3.2 Análise do discurso: método	53
4 A AVALIAÇÃO DO OBJETO DA PESQUISA:	57
4.1 Análise da entrevista I	57
4.2 Análise da entrevista II:.....	69
5 A IDENTIDADE DO MIGRANTE E A MODERNIDADE.....	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
REFERÊNCIAS	87

1 INTRODUÇÃO

As adversidades do mundo moderno empurraram muitos homens do campo para longe de suas terras. À procura de uma vida melhor, saíram com seus filhos, uma bagagem, algum dinheiro no bolso, ou nenhum, em direção aos centros urbanos. Para trás, deixaram a segurança, seus costumes, seus vizinhos, seu lugar. Esta experiência certamente impôs uma profunda mudança no modo de ser desses homens do campo. Num lugar diferente, com costumes diferentes, tornaram-se pessoas diferentes do que eram. Esta dissertação foi buscar indícios dessa mudança no discurso desses migrantes¹ para discutir o sentimento de deslocamento e de liquidez² que a modernidade suscitou na identidade do sujeito moderno.

O tema que escolhi para esta dissertação tem muito a ver com minha história pessoal. Em 1980, meus pais, minhas irmãs e eu, depois de alguns anos sem obter lucros da colheita e tendo que pagar os empréstimos ao banco rural, saímos do campo em direção à cidade “grande”. Deixamos para trás parentes, casa, levando apenas algum dinheiro, obtido com a venda de algumas “criações”, em busca de uma vida melhor. Quando chegamos à cidade, deparamo-nos com costumes diferentes dos nossos. Linguagem diferente. Eu não sabia como me portar. O modo de ser do homem do campo era a única coisa que eu conhecia.

A primeira coisa que fizemos foi procurar uma igreja para nos sentirmos “em casa”. Mas não foi a mesma coisa. As pessoas não nos olhavam, não nos cumprimentavam. Terminada a missa, não se tinha o hábito de ficar conversando à porta da igreja, como se fazia no campo.

No campo, existe o costume de “pousar” em casas de parentes e amigos, por causa da distância das casas e pela falta de iluminação pública. No começo, sempre íamos “pousar” na casa de minha avó, mesmo que tivéssemos ônibus circular e iluminação pública para irmos embora a qualquer hora.

Nossa nova escola era muito diferente daquela que frequentávamos no campo. Ela era enorme, colorida e tinha muitas

¹ O termo “migrante” é utilizado nesta dissertação para referir-se ao homem do campo que sai de sua terra e radica-se na cidade. A preferência por este termo deu-se devido à recorrência desta denominação nas leituras que fiz acerca do tema.

² “O que todas as características dos fluidos mostram, em linguagem simples, é que os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. (...) Os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la.” (BAUMAN, 2001, p. 9) O conceito “liquidez” foi utilizado por Bauman como metáfora para caracterizar a flexibilidade das relações e da identidade do homem moderno.

crianças. No campo, minha irmã e eu tínhamos a mesma professora. Metade do quadro-negro ela usava para ensinar à primeira série, metade para ensinar a terceira. Ela mesma preparava a merenda escolar, que quase sempre era feita a partir da soja – produto agrícola que até hoje é preponderante na região onde morávamos. A escola da cidade era bem diferente. Eu era apenas mais uma no meio de tantos alunos. A distância da professora para com os alunos parecia maior.

Eu não pertencia àquela nova escola. Tudo era desafiador. As crianças olhavam-nos com desconfiança e superioridade, ou nós nos sentíamos inferiores, não sei. Nossa origem era revelada ao abrir a boca; então, na maioria das vezes, calava-me.

O tempo foi passando, e meu sentimento de não pertencimento se abrandou. Acostumei-me à vida na cidade. Contudo, ainda às vezes revelo um linguajar próprio do homem do campo, motivo de riso entre meu círculo de amigos. Da mesma forma, quando volto à minha terra natal, sinto que lá não é mais meu lugar. De alguma maneira, perdi meu “cordão umbilical”.

Lendo a respeito da identidade do homem moderno, deparei-me com relatos de pessoas que têm este mesmo sentimento de não-pertencimento. Então, esbarrei nas seguintes questões: como o sujeito que migra do campo para a cidade se define – como explicita sua identidade - através de seu discurso? Como é sua relação com a terra de origem? De que forma podemos pensar sobre liquidez da identidade do homem moderno à luz da experiência da migração? Como podemos conceber ou imaginar a identidade, a diferença e o pertencimento após a migração?

Uma das razões para desenvolver este trabalho foi procurar indícios em outros migrantes do que eu mesma experimentara, uma forma de reconhecer em outros sujeitos esta identidade de intersecção e, assim, esvaziar o sentimento de não-pertencimento a algum grupo, identificar-me com os iguais.

Este trabalho, então, tem um quê autobiográfico e servirá para que eu me depare com minhas próprias questões acerca da minha identidade, além de fomentar a discussão do tema no meio acadêmico.

Os estudos acerca das “Identidades” no mundo atual têm se alargado nos últimos tempos. A busca por delinear o sujeito moderno está na ordem do dia em muitas áreas do conhecimento: psicologia, sociologia, antropologia, história, linguística entre outras. “Há apenas algumas décadas, a ‘identidade’ não estava nem perto do centro do nosso debate, permanecendo unicamente um objeto de meditação filosófica. Atualmente, no entanto, a ‘identidade’ é o ‘papo do

momento', um assunto de extrema importância e em evidência.” (BAUMAN, 2005, p. 23)

Segundo Stuart Hall (1998, p. 08), as identidades modernas estão sendo “descentradas, isto é, deslocadas ou fragmentadas”, mercê do fato de que as mudanças que transformaram a sociedade no que é hoje estão transformando também o indivíduo social.

Sabendo que o homem está de alguma forma atrelado à terra, pois ninguém pode estar fora ou além da geografia (SAID, 1995, p. 37), e que as mudanças sociais levaram o homem do campo a se fixar nos grandes centros urbanos, optei por estudar a identidade do sujeito migrante que saiu do campo, como experiência modelo para entender um pouco mais o descentramento de identidade que todos experimentamos na sociedade moderna³.

Antes disso, porém, é preciso definir o conceito de “rural” e “urbano” – ou “campo” e “cidade” - que será utilizado aqui. Sabemos que muito se discute acerca desses conceitos. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2007) - utiliza-se de um conceito objetivo, que atende às nossas necessidades: **área Urbana** é a área interna ao perímetro urbano de uma cidade ou vila, definida por lei municipal, considerando-se as áreas, urbanizadas ou não, correspondentes às cidades (sedes municipais), às vilas (sedes distritais) ou às áreas urbanas isoladas; **área Rural** é a área de um município externa ao perímetro urbano, abrangendo inclusive os aglomerados rurais de extensão urbana e os aglomerados rurais isolados. No entanto, não podemos nos esquecer de que há maneiras subjetivas de caracterizar esses dois termos. Williams (1989, p. 69) define-os muito bem quando explicita o contraste que há entre eles: de um lado, a natureza; de outro, a mundanidade. A associação positiva que se faz em relação ao campo é que é um lugar de paz, inocência e virtudes simples; em relação à cidade, saber, comunicações, luz. Por outro lado, associamos negativamente o campo a um lugar de atraso, ignorância e limitação; a cidade, a um lugar de barulho, mundanidade e ambição (WILLIAMS, 1989, p. 11). Durante gerações, cultivou-se um desprezo pelo homem do campo, estereotipado pelo homem urbano. (WILLIAMS, 1989, p. 58)

Esse homem do campo que, devido a muitas dificuldades que enfrenta, escolhe sair da sua terra e morar na zona urbana é um agente transformador das cidades e de sua própria subjetividade. Esse novo

³ O sentido dos termos “modernidade” e “pós-modernidade” ainda é muito confuso. A discussão acerca das características que diferem essas duas épocas ainda está na ordem do dia. Uma vez que este trabalho não visa fomentar essa discussão, o termo “modernidade” foi utilizado nesta dissertação com a intenção de caracterizar o homem do mundo atual.

sujeito é quem nos interessa neste trabalho (optei pela primeira pessoa do plural com o intuito de convidar-lhe, leitor, a acompanhar-me na construção das ideias que são tecidas ao longo da pesquisa.).

Devemos ter em mente que a identidade é sempre construída em oposição ao outro. Se fôssemos distribuir os conceitos “rural” e “urbano” no espaço, eles se fixariam em dois extremos. O sujeito do campo também se situa em oposição ao homem da cidade, e vice-versa. Certamente, o sujeito migrante, na nova terra, modifica-se e, assim, modifica também o outro. Contudo, nosso foco será o homem do campo num contexto urbano. As transformações que as correntes migratórias criam nas zonas urbanas poderão ser objeto de trabalhos posteriores.

A identidade cultural, no sentido de tradição – uma espécie de cordão umbilical, imutável e atemporal – é uma forma de moldar nossos imaginários, influenciar nossas ações, conferir significado às nossas vidas e dar sentido à nossa história. “A identidade é irrevogavelmente uma questão histórica. Nossas sociedades são compostas não de um, mas de muitos povos.” (HALL, 2003, P. 30). Contudo, essa identidade cultural está sempre em processo de formação. “A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar.” (HALL, 2003, p. 44)

Presume-se que a identidade cultural seja fixada no nascimento, através do parentesco e da linhagem dos genes, e que ela seja resistente a algo secular e superficial como uma mudança temporária do nosso local de residência. A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades podem forçar pessoas a migrar, a se dispersar em outros contextos sociais. As identidades tidas como estáveis estão tornando-se fluidas por processos, entre eles as migrações livres ou forçadas, que diversificam as culturas e pluralizam as identidades. (HALL, 2003, p. 45).

Stuart Hall (2003), quando abordou a migração Caribenha para a Grã-Bretanha no pós-guerra, trouxe à tona a questão da migração como luz esclarecedora das complexidades que são a nação e a identidade numa era de globalização crescente. Trouxe como foco a relação de pertencimento dos migrantes com a terra de origem: “os assentamentos negros na Grã-Bretanha não são totalmente desligados de suas raízes no Caribe” (p. 26).

Mary Chamberlein (1947), em seu livro *Narratives of exile and return*, relata histórias de vida dos migrantes barbadianos para o Reino Unido e como os elos com a terra natal permanecem fortes; afirma que os barbadianos têm mantido vivo no exílio um forte senso do que é a terra de origem e tentado preservar uma identidade cultural. Hall confirma que esse quadro aparece em minorias étnicas na Grã-Bretanha,

a identificação com o país de origem permanece forte, mesmo na segunda ou terceira geração, embora não seja a única referência para a formação da identidade. “Na situação da diáspora, as identidades se tornam múltiplas.” (HALL, 2003, p.27)

A maioria dos estudiosos das “identidades” tem como foco a questão da nação – identidades nacionais – autores como Hall, Said, Bauman, Chamberleín e outros. Contudo, os relatos acerca da experiência da migração do sujeito do campo podem também nos dar em boa medida indícios deste sentimento de deslocamento que o homem moderno experimenta. É nesse ponto que este trabalho se diferencia dos demais.

Os migrantes, com suas histórias de vida, suas características, suas identidades, são modelos da liquidez da identidade, característica do panorama da modernidade. Estudar essas experiências é um importante passo para buscar descrições acerca de quem somos, tem uma dimensão filosófica que ultrapassa a perspectiva de fenômenos sociais, ajuda-nos a nos situar nos contextos das nossas relações.

Sendo assim, este trabalho teve como **objetivo** discutir o descentramento que é próprio do sujeito moderno, através da análise descritiva do discurso do sujeito migrante, identificando as marcas linguísticas que configuram a identidade do homem do campo inserido no contexto urbano e o descentramento da identidade experimentado pelo migrante.

Os demais objetivos de caráter específico foram:

- apontar as marcas linguísticas presentes nos discursos que remetem ao sujeito e como se configura através da linguagem;
- identificar e analisar as marcas linguísticas que problematizam o deslocamento da identidade e o sentimento de não-pertencimento presentes nos discursos dos migrantes; e
- discutir a liquidez da identidade do sujeito moderno através da experiência da migração.

Para atingir os objetivos proposto neste trabalho, pautamo-nos nos métodos de análises utilizados pela Análise do Discurso (AD), que estuda a linguagem levando em consideração o sujeito e o contexto no qual está inserido. Interessou-nos, aqui, procurar indícios da identidade dos sujeitos que proferem seus discursos na linguagem que utilizam para falar de si.

A fim de apresentar a pesquisa realizada, partimos das referências teóricas, apresentadas no capítulo II, acerca dos assuntos pertinentes ao tema: a questão do sujeito nos estudos da linguagem; a questão da

identidade; a questão do homem e sua relação com o espaço; a dicotomia do campo e da cidade.

Depois de retomadas as concepções teóricas relativas aos assuntos abordados, apresenta-se o capítulo III, que relata o desenvolvimento metodológico: o instrumento de pesquisa utilizado, a contextualização da pesquisa, os métodos utilizados pela AD, as dificuldades e soluções encontradas. Para contextualizar a pesquisa e entender os motivos e as dificuldades pelas quais passaram os migrantes entrevistados, foi necessário recorrer a estudiosos da história e da geografia que dispunham de material de pesquisa acerca da industrialização de Joinville, fator crucial para a chegada de migrantes de todas as partes do Sul do Brasil à procura de trabalho naquela cidade. Além disso, muito do que foi apresentado neste item foi relatado pelos migrantes entrevistados.

No capítulo quatro, é descrita e discutida a pesquisa desenvolvida a partir das entrevistas com os migrantes, relatando-se a maneira como a análise foi construída e os resultados obtidos. Para esta análise, foi levado em consideração não só o que o migrante diz, mas também como diz. Procurei desenvolver um olhar de pesquisador da AD e descobrir o que está por detrás do dito e do não-dito.

No quinto capítulo, é aberta uma discussão acerca da liquidez da identidade e dos efeitos da modernidade sobre o modo de ser do homem moderno, tendo em vista os aspectos analisados no quarto capítulo.

2 A CONSTRUÇÃO DO SUPORTE TEÓRICO

O suporte teórico que foi utilizado nesta pesquisa foi selecionado com a intenção de buscar esclarecimentos sobre os temas que permeiam nosso objeto. Para uma apresentação mais clara dos temas abordados neste trabalho, o referencial teórico subdivide-se em quatro seções que discutem (a) o sujeito e o discurso – um breve histórico dos estudos do sujeito na linguagem; (b) a questão da identidade; (c) o homem e a terra; e (d) a dicotomia campo e cidade.

2.1 Sujeito e discurso – um breve histórico dos estudos do sujeito na linguagem

O objetivo, neste item, é relacionar brevemente os estudos acerca do sujeito e sua relação com a linguagem. Os trabalhos que nos são relevantes neste aspecto provêm da teoria da enunciação e da análise do discurso.

No início do século XX, Saussure inovou os estudos sobre a linguagem, constituiu a *língua* como objeto da linguística. Apesar de afirmar o caráter social, coletivo da língua, suprime qualquer relação da língua com o mundo, o sujeito e relações entre sujeitos (GUIMARÃES, 1995, p.19). Ao dicotomizar língua/fala, ele separa o aspecto abstrato da linguagem, isto é, o social, do concreto, ou seja, individual (ORLANDI, 1996, p. 98). Não se colocava a questão da subjetividade.

Esse recorte de Saussure criou dificuldades para tratar questões cruciais para a significação. A semântica surgiu da preocupação de explicar os significados que ultrapassam os limites da língua imanente. O sentido estaria na “perspectiva referencial-veritativa, ou, de outro ponto de vista, como intenção do sujeito, ou ainda, como ação entre sujeitos, ou na relação do sujeito com a língua” (GUIMARÃES, 1995, p. 65)

Emile Benveniste, considerado o representante principal da *teoria da enunciação*, trouxe ideias inovadoras para a linguística, como a suposição da articulação dos sujeitos e a estrutura da língua. Apesar de sua semântica ser pautada em princípios estruturais, apresentou meios de tratar a *enunciação*, baseados no *homem na língua*. Apresentou um modelo de análise da enunciação em que os interlocutores referem e co-referem na atribuição de sentido às palavras. Isso possibilita o entendimento da categoria de pessoa e dos conceitos de intersubjetividade, básicos em sua teoria (FLORES e TEIXEIRA, 2005, p. 32).

Benveniste (1989, p. 82) conceitua a enunciação como uma relação do locutor com a língua: o locutor se apropria da língua pondo-a em funcionamento. Ele trata a questão do sujeito - para ele o sujeito da enunciação - como uma questão linguística: a enunciação é uma relação do sujeito com a língua. O sujeito dela se apropria, pondo-a em funcionamento.

Segundo Benveniste (1995, p. 286), o homem se constitui como sujeito na e pela linguagem, entendida a subjetividade como a capacidade do locutor para se propor como sujeito. O fundamento da subjetividade se determina pelo *status* linguístico da pessoa. A interação entre os sujeitos desenvolve a subjetividade pelo contraste com o outro. “Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um *tu*”.

Cada locutor se apresenta como sujeito na interação linguística e tem consciência de si. Esta oposição entre os sujeitos, condição fundamental do processo de comunicação, não encontra equivalente em lugar nenhum fora da linguagem. “É na realidade dialética que engloba os dois termos (*eu – outro*) e os define pela relação mútua que se descobre o fundamento linguístico da subjetividade”(BENVENISTE, 1995, p. 287).

Em todas as línguas podemos encontrar uma classe de palavras que remete ao sujeito que fala a outro sujeito. São os pronomes pessoais.

Como é que o mesmo termo poderia referir-se a qualquer indivíduo e ao mesmo tempo identificá-lo na sua particularidade? Estamos na presença de uma classe de palavras, os ‘pronomes pessoais’ que escapam ao *status* de todos os outros signos da linguagem. [...] *eu* se refere ao ato de discurso individual no qual é pronunciado, e lhe designa o locutor. [...] É na instância de discurso na qual *eu* designa o locutor que este se enuncia como ‘sujeito’. (BENVENISTE, 1995, p. 288)

Isso é sinal de que o fundamento da subjetividade está no exercício da linguagem. Os pronomes são uma das formas de revelar-se sujeito através da linguagem. Existem outras classes que têm o mesmo *status*. São os dêiticos: pronomes demonstrativos, advérbios, adjetivos, entre outros, que organizam na linguagem um referente capaz de “constituir” o sujeito perante outro sujeito.

A noção de tempo, tanto marcado pelos verbos ou por outras palavras, contribui para a subjetividade.

A temporalidade humana com todo o seu aparato linguístico revela a subjetividade inerente ao próprio exercício da linguagem. A linguagem é, pois, a possibilidade da subjetividade, pelo fato de conter sempre as formas linguísticas apropriadas à sua expressão; e o discurso provoca a emergência da subjetividade, pelo fato de consistir de instâncias discretas. A linguagem de algum modo propõe formas ‘vazias’ das quais cada locutor em exercício de discurso se apropria e as quais refere à sua pessoa definindo-se ao mesmo tempo a si mesmo como *eu* e a um parceiro como *tu*. (BENVENISTE, 1995, p. 289)

Embora os estudos de Benveniste representassem um grande passo nos estudos da enunciação, ainda eram centrados numa subjetividade “ego-cêntrica”, “o sujeito de Benveniste é um *eu* que se caracteriza pela sua homogeneidade e enuncidade e se constitui à medida que interage com um *tu* – opondo-se ambos à não-pessoa” (BRANDÃO. H, 1991, p. 49), isto é, a constituição do sujeito se dá mesmo quando não se enuncia um *eu*. Formas indeterminadas, encontradas, por exemplo, no discurso científico, objetivando-se a impessoalidade; a utilização do *ele* para referir-se a si mesmo no discurso dos esquizofrênicos, como apagamento da responsabilidade da enunciação; esses são exemplos de outra forma de enunciação que mascara o sujeito, mas é uma forma de constituição da subjetividade. (BRANDÃO. H, 1991, p. 48)

A partir do questionamento da concepção de sujeito enquanto ser único, central, origem e fonte de sentido, formulada inicialmente por Benveniste, surgiu a noção de *sujeito ideológico*: aquele que enuncia de um determinado lugar e de um determinado tempo, cuja fala faz emergir outras vozes. (BRANDÃO. H, 1991, p. 49)

Bakhtin (2000) defende o dialogismo da linguagem, como uma condição constitutiva do sentido. Ao analisar os mecanismos de enunciação de diversos textos literários, qualifica-os de polifônicos, uma vez que o autor utiliza “máscaras” diferentes que representam várias vozes a falar simultaneamente. “O discurso se tece polifonicamente, num jogo de várias vozes cruzadas, complementares, concorrentes, contraditórias.” (BRANDÃO. H, 1991, p. 53)

O conceito de subjetividade, então, estaria centrado num sujeito que se divide porque é uma parte de um todo que interage com outros discursos e outros sujeitos marcados histórico-socialmente, intersubjetivamente. “Em Bakhtin, o sujeito é uma autoconsciência que se constitui reflexivamente pelo reconhecimento do outro no discurso.” (FLORES e TEIXEIRA, 2005, p.59). Bakhtin refere o sujeito como um dos elementos que marca a diferença entre a enunciação e a oração.

Num outro momento, Ducrot, (1987, p. 89), introduz a tese segundo a qual é possível verificar diferentes representações do sujeito da enunciação no sentido do enunciado. Primeiramente, faz a distinção entre *frase e enunciado*, cujos valores semânticos seriam o *significado e sentido*, respectivamente. Para Ducrot, o sujeito não é um produtor de fala, mas uma representação no sentido do enunciado. O locutor é o responsável pela enunciação, as marcas de primeira pessoa no enunciado são remetidas a ele. Assim, Ducrot faz uma distinção entre *falante* (ser no mundo), *locutor* (fonte do discurso) e *enunciador* (ser que exprime o seu ponto de vista através da enunciação, sem que lhe sejam atribuídas palavras precisas).

Contudo, essa noção concepção polifônica de Ducrot exclui a noção de historicidade presente na concepção bakhtiniana. Essa historicidade vai ser recuperada pela concepção de sujeito desenvolvida na Análise do Discurso (AD), numa relação dinâmica entre identidade e alteridade. Para ela, o sujeito só constrói sua identidade na interação com o outro (BRANDÃO, H, 1991, p. 62).

Tendo como objeto social e histórico o discurso, lugar de confronto entre sujeito e sistema, a AD vai preocupar-se com as condições de produção desse discurso. (ORLANDI, 1996, p. 12). “A AD procura problematizar continuamente as evidências (enquanto evidências) e explicitar o seu caráter ideológico.” (ORLANDI, 1996, p. 13).

Pêcheux (1997, p. 160) considera o discurso como efeito de sentido entre os interlocutores, num determinado contexto de produção marcado social e historicamente. Pêcheux chama de *formação discursiva* os interlocutores, a situação, o contexto histórico-social e as condições de produção, que constituem o sentido da sequência verbal produzida. Quando se diz algo, alguém o diz de algum lugar da sociedade, e isso faz parte da significação. A linguagem reproduz o sujeito que a enuncia. Ele, o sujeito, acredita ser a fonte exclusiva de seu discurso, mas, na realidade, retoma um sentido pré-existente. A análise do discurso chama a isso ‘*ilusão discursiva do sujeito*’ (ORLANDI, 1996, p. 83).

Orlandi considera que a apropriação da linguagem é constituída socialmente, esse sujeito do qual fala não é, pois, um sujeito abstrato e ideal, que não mantém relação fora de si, mas é um sujeito mergulhado no social e está preso à “ilusão discursiva do sujeito”, que o constitui (1996, p. 33).

A linguagem como interação, como um modo de ação que é social, é considerada *trabalho* por Orlandi. O uso deste termo se justifica, pois ambos assentam sua necessidade no fato de serem produção social, interação entre homem e realidade (ORLANDI, 1996, p. 82 e 83). Do mesmo modo, Geraldini (1997, p. 11), citando Franchi (1977), também estabelece essa homologia: “A linguagem é um trabalho que dá forma ao conteúdo de nossas experiências”; ao mesmo tempo em que utilizamos um sistema simbólico já constituído e resultado de trabalhos anteriores, participamos na construção dos sentidos no contexto de produção do discurso. É assim que a língua deve ser vista: como um trabalho humano, um produto histórico-social (ORLANDI, 1996, p. 99).

Portanto, o sujeito efetua um trabalho linguístico e “a unidade de sentido de uma enunciação é o efeito do modo de presença de posições de sujeito no acontecimento enunciativo. É o efeito do que podemos chamar de dispersão do sujeito, constitutiva do funcionamento da linguagem” (GUIMARÃES, 1995, p. 68).

Ora, se a língua funciona na medida em que um indivíduo ocupa a posição de sujeito no acontecimento (GUIMARÃES, 1995, p. 69), ela é constituída por ele e ele por ela. Portanto, é “quando o indivíduo se encontra interpelado como sujeito e se vê como identidade que a língua se põe em funcionamento” (GUIMARÃES, 1995, p. 70). “A língua cria identidade [...], a estrutura da sociedade está refletida na estrutura linguística.” (ORLANDI, 1996, p. 98)

É possível, desse modo, analisar o discurso em busca de marcas linguísticas que revelem a identidade do sujeito. B. Schlieben-Lange, numa contribuição da visão sociolinguística, afirma que um grupo determinado “leva” a língua e vive na *consciência de sua identidade*. A vida em comum consolida certos traços característicos da língua e delimita, na coesão para dentro e na distinção para fora (ORLANDI, 1996, p. 101).

2.2 A questão da IDENTIDADE

O termo *identidade* é cercado por uma imprecisão conceitual. Várias são as áreas que se dedicam ao tema, como Antropologia,

Filosofia, Sociologia e Psicologia. Para a Psicologia, o termo se duplica em: *Identidade Pessoal*, que são os atributos específicos do indivíduo; e *Identidade Social*, que corresponde aos atributos que assinalam a pertença a grupos ou categorias. Mas, segundo Laurenti e Barros (2000), é na articulação destes conceitos que a *identidade* é tecida. O contexto social fornece condições para os mais variados modos e alternativas de identidade. Então, o termo expressa, de certa forma, uma singularidade construída na relação com os outros. Essa ideia é corroborada por Brandão. H (1990):

Os acontecimentos da vida de cada pessoa geram sobre ela a formação de uma lenta imagem de si mesma, uma viva imagem que aos poucos se constrói ao longo de experiências de trocas com os outros; a mãe, os pais, a família, a parentela, os amigos de infância e as sucessivas ampliações de outros círculos: outros sujeitos investidos de seus sentimentos, outras pessoas investidas de seus nomes, posições e regras sociais de atuação. (p. 37)

Atrelada à identidade está a subjetividade. Esta última é uma dimensão do sujeito que, associada ao contexto social, produz esse sujeito. Segundo Maheirie (2002), subjetividade e consciência se referem a uma mesma coisa, é o que Sartre chamou de *ser para-si* – ser que estabelece sentidos, significados para o mundo e para si mesmo. O sujeito é composto de duas dimensões: objetividade (corpo) e subjetividade (consciência). Estas duas dimensões compõem um *projeto* que movimenta e transforma o sujeito num processo de superação em busca do novo, do inexistente. “Ao realizar um ato qualquer, o sujeito o escolhe dentre alguns possíveis [...]”. Ao escolher, singulariza o que é coletivo, tornando-o individual (MAHEIRIE, 2002).

Portanto, a subjetividade faz parte do processo de construção da identidade. “O EU, ou a identidade, ou a especificidade do sujeito, aparece como produto das relações do corpo e da consciência com o mundo, consequência da relação dialética entre objetividade e subjetividade no contexto social” (MAHEIRIE, 2002).

A identidade está intrinsecamente relacionada ao sentimento de *pertencimento* a um grupo social. Através da identificação com outras pessoas que tenham origem, hábitos entre outras características comuns, é que nos formamos como indivíduos e gálgamos um lugar na sociedade.

No entanto, as diversas transformações que a sociedade vem sofrendo ao longo do último século estão tornando este *pertencimento* cada vez mais fluido. Alguns estudiosos acreditam que as identidades culturais, principalmente a que se refere à identidade nacional, estão sendo deslocadas por um complexo de processos e forças de mudança, que podem ser sintetizados sob o termo de “globalização”. Como argumenta Anthony McGrew (1992), a “globalização se refere àqueles processos, atuantes em escala global, que atravessam fronteiras e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado” (*apud* HALL, 1998, p. 67).

Para aqueles teóricos que acreditam que as identidades modernas estão entrando em colapso, o argumento se desenvolve da seguinte forma. Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça, e nacionalidade, que no passado nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um ‘sentido de si’ estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma ‘crise de identidade’ para o indivíduo. (HALL, 1998. p. 09)

Essas mudanças são responsáveis por criar novas identidades, uma vez que o *pertencimento* e a *identidade* estão sempre em processo, “não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis.” (BAUMAN, 2005, p.17). “A construção da identidade assumiu a forma de uma experimentação infundável. Os experimentos jamais terminam.” (BAUMAN, 2005, p. 91).

Bauman compara a identidade a um quebra-cabeça em que se tem muitas pecinhas na mesa para formar um todo, “mas a imagem que deverá aparecer ao fim do seu trabalho não é dada antecipadamente, de

modo que você não pode ter certeza de ter todas as peças necessárias para montá-la, de haver selecionado as peças certas” (BAUMAN, 2005, p. 54).

Seja como for, de onde vem este anseio por uma identificação, por pertencer a um grupo social? Segundo Bauman (2005, p. 35),

o anseio por identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo.[...] flutuar sem apoio num espaço pouco definido [...] torna-se a longo prazo uma condição enervante e produtora de ansiedade. Por outro lado, uma posição fixa dentro de uma infinidade de possibilidades também não é uma perspectiva atraente.

Stuart Hall (1998, p. 10) aponta três concepções de identidade: (a) sujeito do iluminismo; (b) sujeito sociológico e (c) sujeito pós-moderno. A seguir, abordaremos rapidamente cada uma delas.

(a) Muitos acontecimentos contribuíram para o aparecimento do sujeito do iluminismo: a Reforma e o Protestantismo, que libertaram a mente humana da mão-de-ferro das instituições religiosas; as Revoluções Científicas, que aumentaram o horizonte para investigar e decifrar o mundo; o Humanismo Renascentista, que colocou o homem no centro do universo e o Iluminismo, que elevou a imagem do homem racional. Por tudo isso:

O sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo ‘centro’ consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo contínuo ou ‘idêntico’ a ele ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa.[...] Uma concepção muito individualista do sujeito e de sua identidade. (HALL, 1998, 11)

(b) A sociologia, em contraposição ao sujeito do Iluminismo, argumentava que o indivíduo estava inserido em processos de grupo e que estes subjaziam a qualquer contrato entre sujeitos individuais, o que

era um reflexo da crescente complexidade do mundo moderno. Havia a consciência de que o homem era formado na relação com pessoas importantes para ele, que mediavam os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos em que ele/ela habitava.

O fato de que projetamos a ‘nós próprios’ nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os parte de nós, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos como os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade então costura o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis. (HALL, 1998, p.11-12)

(c) O sujeito moderno surgiu de vários *descentramentos*: a começar por aquele produzido pelo pensamento marxista, que interpretou os escritos de Marx no sentido de que os indivíduos não poderiam ser de nenhuma forma “autores ou agentes” da história, mas poderiam agir somente diante das condições criadas por outros, elevou as relações sociais como modos de produção, exploração da força de trabalho e o capital, em detrimento do pensamento humanista. Outro fator importante foi a descoberta do inconsciente por Freud, que arrasa com o conceito de sujeito cognoscente e racional. Da mesma forma, Lacan rompe com a sociologia ao constatar que a imagem do eu é formada na criança na relação com os outros, o que ele chamou de “fase do espelho”. Assim, a identidade é formada ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato.

O sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. [...] O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. Este processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial e permanente. A identidade torna-se uma celebração móvel, [...] é

definida historicamente e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades não são unificadas ao redor de um 'eu' coerente. (HALL, 1998, p. 12-13)

Assim, a sensação familiar e profundamente moderna de “deslocamento” pode ser sentida sem que precisemos ir muito longe para experimentá-la. Talvez todos nós, nos tempos modernos, nos sintamos “fora de casa” (HALL, 2003, p. 27).

David Harvey (2007) argumenta que as sociedades da modernidade tardia são caracterizadas pela diferença; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes ‘posições de sujeitos’ – isto é, identidades – para os indivíduos.

Essa “posição do sujeito” ou “identidade” só será possível em oposição a outras “identidades”: “Nenhuma identidade pode existir por si só, sem um leque de opostos, oposições e negativas” (SAID, 1995, p. 88). Tal oposição fica particularmente visível e delineável quando o sujeito sai de sua terra natal, em direção à outra terra com outra cultura e outros sujeitos.

2.3 O homem e a terra

A questão da identidade está estreitamente ligada ao lugar ao qual o sujeito pertence. Identifica-se com os sujeitos que têm características comuns e opõe-se aos que têm características excludentes. Isto se torna muito evidente quando grupos distintos disputam o mesmo espaço geográfico ou cultural. “As batalhas de identidade não podem realizar a sua tarefa de identificação sem dividir tanto quanto, ou mais do que, unir. Suas intenções incluídas se misturam com suas intenções de segregar, isentar e excluir.” (BAUMAN, 2005, p. 85). Quando uma minoria entra no território de outrem, precisa unir-se àqueles com quem se identifica, para ter mais força na luta pelo espaço: “Você precisa submeter os seus interesses pessoais em benefício da solidariedade de que o seu grupo necessita para resistir a um grupo ainda maior que pretende tirar de você tudo que lhe é caro e violar seus interesses. Unidos venceremos, separados seremos derrotados.” (BAUMAN, 2005, p. 84).

O sujeito que migra para outra terra precisa encontrar um novo grupo com que se identificar e em que possa se apoiar, pois, conforme

Said (1995, p. 37-38): “Nenhum de nós está fora ou além da geografia, da mesma forma nenhum de nós está fora ou totalmente ausente da luta pela geografia. Essa luta é complexa e interessante porque não se restringe a soldados e chanhões, abrangendo também idéias, formas, imagens e representações”.

No entanto, o sujeito não será o mesmo que era na terra natal, nem tampouco poderá se considerar integrado completamente à nova terra. Mary Chamberlein (1947) revela que seus entrevistados falam da dificuldade sentida por muitos dos que retornam em se ligar a suas sociedades de origem. Sentem que a “terra” tornou-se irreconhecível. Sentem-se felizes por estar em casa, mas, ao mesmo tempo, parece que os elos naturais e espontâneos que antes possuíam tivessem sido interrompidos por suas experiências diaspóricas.

Bauman (2005, p.18), em entrevista a Benedetto Vecchi, acerca da sua identidade, revelou que, tendo sido expulso de seu *habitat* natural, não haveria um espaço a que pudesse se considerar ajustado cem por cento. Em todo e qualquer lugar estava – algumas vezes ligeiramente, outras ostensivamente – “deslocado”.

Estar total ou parcialmente ‘deslocado’ em toda parte, não estar totalmente em lugar algum (ou seja, sem restrições e embargos, sem que alguns aspectos da pessoa ‘se sobressaíam’ e sejam vistos por outras como estranhos), pode ser uma experiência desconfortável, por vezes perturbadora. Sempre há alguma coisa a explicar, desculpar, esconder ou, pelo contrário, corajosamente ostentar, negociar, oferecer e barganhar. Há diferenças a serem atenuadas ou desculpadas ou, pelo contrário, ressaltadas e tornadas mais claras. As ‘identidades’ flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas. (BAUMAN, 2005, p. 19)

Esse pertencimento a um lugar de que faz parte sua subjetividade também foi abordado por Stuart Hall (1998, p.71): “Todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólicos. Elas têm aquilo que Said (1990) chama de suas ‘geografias imaginárias’: suas paisagens características, seu senso de ‘lugar, ‘casa/lar’.”

Lars Dencik, a partir da experiência escandinava, afirma que as afiliações sociais que são tradicionalmente atribuídas aos indivíduos como definição de identidade, a saber: raça, gênero, país ou local de nascimento, família e classe social, agora estão se tornando menos importantes, diluídas e alteradas nos países mais avançados do ponto de vista tecnológico e econômico. Ao mesmo tempo, há a ânsia e as tentativas de encontrar ou criar novos grupos com os quais se vivencie o *pertencimento* e que possam facilitar a construção de uma nova identidade (BAUMAN, 2005, p.31).

O instinto de sobrevivência leva o sujeito migrante a procurar essa nova identidade. Caso isso não aconteça poderá ser excluído socialmente, por não pertencer a nenhum grupo: “O significado da ‘identidade da subclasse’ é a *ausência de identidade* [...]. Outra categoria que está encontrando o mesmo destino são os refugiados – os Sem-Estado, os desterritorializados num mundo de soberania territorialmente assentada. Ao mesmo tempo que compartilham a situação da subclasse, eles, acima de todas as privações, têm negado o direito à presença física dentro de um território sob lei soberana.” (BAUMAN, 2005, p. 47).

Adaptar-se para conseguir ocupar um lugar na nova terra. Essa é a lei que inconscientemente leva o sujeito migrante a se modificar e procurar novos modos de vida, novas identidades.

2.4 A dicotomia Campo e Cidade

Os conceitos de “campo e cidade” ou “rural e urbano” são antagônicos. Detêm em si mesmos o seu oposto. Queiroz (in: BLAY, 1978, p.25) afirma que existe uma dualidade do rural e do urbano que exprime a existência de dois termos que, embora interagindo, são absolutamente irreduzíveis um ao outro.

Associados a isto, Queiroz apresenta algumas considerações subjetivas: “o rural é conhecido como atrasado em sua evolução, em relação ao urbano, e sua influência sobre este é tida como sobrevivência tradicional; a penetração de elementos urbanos no campo – inovações – passa a ser imediatamente considerada como um avanço benéfico para este” (In: BLAY, 1978, p. 25).

É possível verificar que o dicionário Houaiss (2001, p.2809) ratifica essas mesmas considerações quando informa as seguintes acepções acerca do vocábulo *urbano*: “**1.** dotado de urbanidade; afável, civilizado, cortês **2.** relativo ou pertencente à cidade, ou que lhe é

próprio **3.** que tem caráter de cidade **4.** que ou o que vive na cidade, tem ocupação e hábitos típicos da vida da cidade **5.** *fig.* Polido, fino. **Antonímia** de malvado, caipira, malcriado, tolo, abrutalhado, descortês, inurbano, rural, rústico.”

Contudo, há considerações contrárias a estas em que o “rural” aparece como lugar de paz, contato com a natureza, tranquilidade; e o “urbano” aparece como símbolo do individualismo, solidão.

Neste momento, o objetivo de nosso trabalho não é se debruçar sobre a genealogia dos conceitos abordados e as transformações sofridas pelos termos. Contudo, podemos abordar de forma sucinta algumas observações feitas por Williams acerca disso:

Temos que observar que a cidade está associada, nos séculos XVI e XVII, ao dinheiro e à lei, e, no século XVIII, à riqueza e ao luxo, que há uma associação persistente, chegando ao auge no final do século XVIII e no XIX, à imagem da turba, das massas; que, nos séculos XIX e XX, a cidade é associada à mobilidade e ao isolamento. (WILLIAMS, 1989, p. 388)

A cidade é a representação do capitalismo. Contudo, este modo de produção teve origem na economia rural da Inglaterra, que, ao aumentar a produção, reorganizar-se fisicamente, também produziu a força de trabalho que impulsionou o capitalismo – o proletariado (WILLIAMS, 1989, p. 391).

O ideal da inocência bucólica, tema de obras literárias em certos períodos, no qual o campo cultivado representa o crescimento honesto, aparece de acordo com o período histórico favorável à economia rural. Por outro lado, em alguns períodos em que houve consideráveis mudanças neste setor – final do século XVI e início do século XVII, final do século XVIII e início do século XIX, final do século XIX e início do século XX - podemos encontrar lamentos campestres que refletem o descontentamento com as mudanças indesejáveis vindas de fora (WILLIAMS, 1989, p. 389).

De certa forma, esses conceitos variam de acordo com o período histórico e o sujeito que o enuncia: um aristocrata, um operário, um trabalhador rural, um agroindustrial, um trabalhador sem-terra. Mais importante do que o que se diz sobre o campo e a cidade é saber quem diz e em que momento.

3 A CONSTRUÇÃO DA METODOLOGIA DE PESQUISA

O trabalho de pesquisa com seres humanos é prazeroso e ao mesmo tempo delicado. Por isso este tipo de pesquisa requer um acompanhamento através de um comitê de ética ligado à instituição promotora. Esta pesquisa seguiu os critérios exigidos pelo comitê, obtendo o certificado para sua execução. Os nomes verdadeiros das pessoas entrevistadas aqui foram substituídos por pseudônimos para protegê-las, conforme exige o comitê de ética.

O instrumento de pesquisa serviu de base para permear as entrevistas; contudo, não foi uma proposta fechada. À medida que os assuntos surgiam e a conversa seguia seu rumo, o instrumento de pesquisa, muitas vezes, foi deixado de lado.

Instrumento de pesquisa:		
Idade:	Cidade natal:	Cidade onde reside atualmente:
Quantos anos residiu na cidade natal:		Há quantos anos reside na atual:

- Quais foram os motivos que levaram à migração?
- Como foram recebidos pela nova cidade e seus habitantes?
- Por que escolheu esta cidade e não outra? Quais eram suas expectativas?
- Como foi a adaptação à nova cultura?
- Como o sujeito se declara em relação à sua origem e sua nova cidade?
- Como o sujeito é visto pelas pessoas que permaneceram na cidade natal?
- Os antigos costumes ainda fazem parte da vida na nova cidade?
- Como o sujeito foi visto na época da migração e hoje pelos cidadãos da nova cidade?

Devido a certa inexperiência em realizar entrevistas, o instrumento de pesquisa não foi o ideal para a coleta dos relatos. Os dados não corresponderam ao que foi esperado, fato esse que revelou ser o maior problema enfrentado na realização deste trabalho. Associado a isso esteve a minha dificuldade em me despir das expectativas calcadas nas minhas idealizações sobre a vida no campo. Por tudo isso, este trabalho mostrou-se modesto diante do que poderia ter sido.

Apesar disso, a realização da pesquisa foi bastante aprazível. Os sujeitos entrevistados receberam-me em suas casas com muita gentileza e, em alguns momentos, pude notar certo orgulho por poder participar desta pesquisa e poder compartilhar sua história.

Algumas pessoas ficaram pouco à vontade diante de um gravador. Fatos importantes acerca da migração não foram revelados quando se gravava, mas na conversa informal antes ou depois da gravação. Esses fatos relatados serão apresentados a seguir como contextualização do momento histórico vivido pelos entrevistados. Nas entrevistas gravadas, a inibição, causada pelo gravador, fez com que as respostas às perguntas fossem curtas, como se pode verificar nas transcrições que foram anexadas a esta pesquisa. Uma vez que algumas entrevistas foram pouco produtivas, detive-me à análise das duas primeiras entrevistas para compor o quarto capítulo desta dissertação. As demais também encontram-se em anexo.

A transcrição das entrevistas foi um trabalho à parte. Foi preciso muito tempo para concluir esta fase. Tentei reproduzir com maior fidelidade a linguagem utilizada pelo entrevistado, uma vez que a linguagem é uma janela para conhecer o sujeito que a produz.

Ao iniciar o processo de entrevista, não sabia o que e como exatamente iria analisar as falas proferidas pelos migrantes. Somente quando as entrevistas foram transcritas é que a pesquisa foi tomando forma, e os alicerces foram se sedimentando. Como já mencionei, as dificuldades apareceram por diversas vezes na leitura dos dados. O distanciamento necessário à pesquisa foi muito difícil para a execução da análise, uma vez que essa pesquisa tem um caráter autobiográfico. Certamente, a maneira como o sujeito pesquisador é constituído também influencia na análise dos dados. Somente com exercício e orientação é que consegui executar a análise que o objeto suscitou.

Para entender melhor o contexto das entrevistas realizadas e o roteiro traçado, segue uma tabela com os pseudônimos dos entrevistados e as informações mais relevantes:

Tabela 1: Lista das pessoas entrevistadas

Entrevista I	
Maria – professora da rede pública estadual	34 anos
Proveniente de Marechal Cândido Rondon/PR	Reside há 15 anos em Joinville
Entrevista II	
Matilde – aposentada	81 anos
Proveniente de São João do Itaperiú/SC	Reside há 36 anos em Joinville
Entrevista III	
Rosa – aposentada	52 anos
Proveniente de Manoel Ribas/PR	Reside há 30 anos em Joinville
Entrevista IV	
João – auxiliar administrativo	46 anos
Proveniente de Reserva/PR	Reside há 24 anos em Joinville
Entrevista V	
Arthur – aposentado	60 anos
Proveniente de Manoel Ribas/PR	Reside há 32 anos em Joinville

A escolha dos participantes da pesquisa não foi muito difícil, pois é muito fácil encontrar um habitante radicado em Joinville que tenha saído do campo. Os contatos foram aparecendo como numa reação em cadeia. Isto se deve ao contexto histórico que a cidade de Joinville viveu nas últimas décadas. Para entender melhor as histórias de vida das pessoas, é preciso conhecer também a história da cidade.

3.1 Joinville na década de 70: uma cidade de braços abertos

A cidade de Joinville foi fundada em 9 de março de 1851, quando imigrantes alemães chegaram pelo Rio Cachoeira e fixaram residência em uma terra pantanosa e inóspita. Sem condições de plantio, os imigrantes buscaram outras atividades econômicas para suas subsistências. As atividades de manufatura, desenvolvidas pelos imigrantes, deram início à industrialização que foi crescendo e fazendo crescer a cidade. A tradição industrial de Joinville vem, portanto, de longa data, perpetuando o desenvolvimento dos diversos segmentos industriais que deram origem à denominação de “Manchester Catarinense”, uma alusão à cidade de Manchester na Inglaterra, berço da revolução industrial.

A economia joinvilense já era bastante diversificada na década de 1950. Ternes (1986, p.137) explica que a necessidade de abastecer outras indústrias com matéria-prima, máquinas e outros produtos, depois da Segunda Guerra Mundial, foi um fator importante no processo de industrialização da cidade. Essa diversidade do parque fabril aliada a outros aspectos, como melhor distribuição da energia elétrica, facilidade de comunicação com grandes centros, proximidade com o porto de São Francisco, estoque humano em abundância, explicam a passagem de cidade agrícola para cidade industrial (TERNES, 1986, p. 146)

Depois da intervenção militar de 1964, durante a fase conhecida como “milagre brasileiro”, as indústrias de Joinville alcançaram o mercado nacional e internacional. Nesse mesmo período, houve o maior êxodo rural registrado até então. Além das indústrias, os empreendimentos comerciais especializados em importação cresceram, o que, segundo Ternes (1986, p, 137), favoreceu a migração em direção a Joinville. Além de emprego, os migrantes encontravam ruas pavimentadas e energia elétrica. Joinville tinha ares de cidade moderna e evoluída.

Com o crescimento econômico, surgiram novas empresas que necessitavam de mão de obra. Apesar de ter havido um crescimento da população de Joinville a partir de 1950, ainda havia escassez de mão de obra. Segundo Ternes (1986, p. 201), foi esse momento em que houve inserção do trabalho feminino na indústria.

Tabela 2: Evolução Demográfica de Joinville 1900-1920

População de Joinville 1900 a 1960 *	
Ano	População Total
1900	19.487
1920	25.060
1940	30.040
1950	43.334
1960	70.687

Fonte: Ternes (1986)

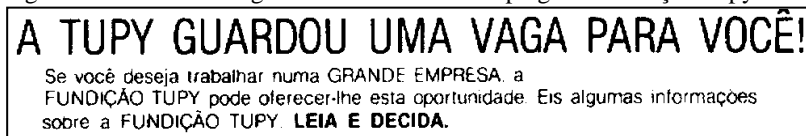
* Não há dados referentes ao ano de 1930

Na tabela acima, é possível mensurar o saldo demográfico da cidade de Joinville: em uma década a população praticamente dobrou, em virtude do bom momento econômico que proporcionou o aumento das ofertas de emprego.

Em 1970, inicia-se uma fase de recrutamento de mão de obra em outros municípios. De acordo com Niehues (2000, p. 70), a principal empresa envolvida foi a Fundação Tupy, que enviava seus funcionários

de recrutamento a outros municípios de Santa Catarina e até do Paraná, principalmente aos municípios rurais. Assim, Joinville ficou conhecida em todo o Sul do país, fator fundamental para explicar a migração na década de 1980, quando as empresas interromperam o programa de visitas dos recrutadores.

Figura 1 : Panfleto divulgando a existência de emprego na Fundação Tupy



Fonte: NIEHUES (2000)

A figura acima é um exemplo dos panfletos distribuídos pela empresa com o intuito de recrutar mais trabalhadores para sua indústria, na tentativa de fomentar seus lucros, aumentando a produção, e criar um excedente de mão de obra, a fim de diminuir seus gastos (ROCHA, 1997, p. 78).

Segundo Cunha (2005, p. 11), a partir dos anos 60 iniciou-se uma progressiva “desruralização” e concentração urbana. As transformações que ocorreram no campo empurraram o homem do campo para a cidade; entre elas estão a mecanização da agricultura, problemas climáticos, alto custo das propriedades.

Tabela 3: Distribuição da População de Joinville – 1970 – 1991

Ano	Urbana	%	Rural	%	Total
1970	112.134	89,00	13.924	11,00	126.058
1980	222.273	94,20	13.539	5,80	235.812
1991	333.661	96,40	12.464	3,60	346.125

Fonte: Rocha (1997)

A tabela acima mostra claramente que há um processo de desruralização, certamente influenciado pela crescente industrialização da cidade e aumento da oferta de empregos nas fábricas.

Além desses fatores, existiam outros que ajudam a entender o motivo desse êxodo: as famílias eram grandes e as terras ficavam pequenas para suprir as necessidades de todos. Essa informação foi

corroborada por Rocha (1997, p. 77) quando afirmou que, além da dificuldade na partilha de pequenas propriedades, em média 25 ha, a condição de empobrecimento dos solos tornou a terra inacessível para as gerações posteriores, que acabaram migrando para a cidade em busca de emprego. Além disso, essas famílias não tinham condições financeiras para adquirir novas terras. Alguns disseram não ter como pagar os empréstimos feitos ao banco devido à perda das colheitas por intempéries da natureza. Então, muitos agricultores acabavam saindo do campo e indo morar na cidade, onde conseguiram renda para sustentar a família.

O recrutamento era feito com a ajuda das autoridades das pequenas cidades, das emissoras de rádio, carros de som e com o padre do município, “atraindo a confiança das autoridades locais, tornava-se mais fácil o trabalho dos recrutadores” (NIEHUES, 2000, p.98).

Aos trabalhadores rurais da região, recrutados pela Tupy, a empresa fornecia transporte para que eles não precisassem vender suas propriedades: segundo Niehues (2000, p. 96), foram implantadas 80 linhas de ônibus, que atendiam aos municípios vizinhos a Joinville. A Tupy também fornecia moradia em pensões próximas à fábrica. No entanto, nessas pensões só eram acolhidos homens solteiros. Aqueles que vinham com a família procuravam casas de parentes ou amigos para se instalar, já que a cidade não dispunha de casas para alugar ou, muitas vezes, as famílias não tinham condições de alugar um imóvel. Alguns relataram que, numa mesma casa, moravam duas, três, quatro famílias ou mais, e que, à medida que iam adquirindo e mudando-se para seus imóveis, mais famílias chegavam para ocupar aquele espaço. Havia muita solidariedade entre os migrantes.

No entanto, muitas famílias que não puderam ser acolhidas ocuparam uma região de mangue no bairro Boa Vista, lugar que ficou conhecido como “Vila Paranaense”. Mais tarde, numa ação do governo municipal, essa região de mangue foi aterrada, urbanizada e vendida aos migrantes em suaves prestações. Às famílias foi oportunizada assistência à saúde e à educação, e a vida melhorou.

O convívio entre os migrantes e os habitantes da cidade demorou a acontecer. As relações sociais que os migrantes mantinham limitavam-se à convivência com contrerrianeos, na vizinhança e nas fábricas. Durham (1984, p. 184) explica que, a partir do momento da chegada do migrante à nova cidade, “um universo estranho e hostil”, é iniciado um “processo de ajustamento” que se apresenta como (re)constituição de seu universo. Isso inicia-se através das relações pessoais entre o migrante e um grupo que poder ser constituído por

parentes, amigos, amigos de parentes ou parentes de amigos que, possivelmente tenham vindo do mesmo município, “são as redes sociais”. Fusco (2005, p.55) define “rede social” como um laço que une migrante e não-migrante em uma complexa teia de papéis sociais e de relacionamentos. Ele se refere ao migrante internacional, mas a mesma reflexão é válida para os migrantes internos.

Os novos habitantes da cidade não viam com bons olhos a chegada dos migrantes. Era senso comum a visão de que os migrantes tinham vindo “roubar” os empregos dos joinvilenses. Outra visão que se tinha era de que o trabalhador rural era mais resistente ao trabalho insalubre e difícil. No entanto, é possível inferir que essa pré-disposição do homem do campo ao trabalho duro vem da necessidade de manter seu emprego e da sua situação desfavorável, não de uma força sobre-humana.

Joinville recebeu muitos migrantes, que continuavam chegando. Certamente, foi muito vantajoso para as indústrias ter mão de obra excedente, pois serviu para baratear os salários. Ternes (1986, p. 201) explica que o excesso de trabalhadores propiciou maior competitividade dos produtos no mercado internacional. As outras empresas também foram beneficiadas, pois quem não se ajustava ao trabalho na fundição, por ser um ambiente muito hostil, procurava as outras empresas da região, como Consul, Embraco, Tigre etc.

Na década de 1980, o recrutamento foi suspenso. Apesar disso, os migrantes continuaram chegando. A propaganda boca a boca continuava trazendo migrantes para Joinville desenfreadamente. Esse excedente de mão de obra, sem qualificação profissional, ficou marginalizado e teve de encontrar outros meios para sobreviver. Alguns voltaram para seus municípios de origem, mas muitos ocuparam as regiões da periferia da cidade e até hoje tentam manter-se lá.

Os fatos apontados acima dão uma dimensão do que os trabalhadores rurais encontraram quando chegaram a Joinville, fornecendo subsídios para o pesquisador contextualizar o objeto de sua pesquisa e conseguir extrair dos discursos o que verdadeiramente interessa neste trabalho.

3.2 Análise do discurso: método

Para o desenvolvimento de qualquer pesquisa, é preciso definir o objeto de análise através da metodologia. Com isso, o pesquisador se compromete com uma teoria com a qual produz as correspondentes técnicas de análise.

A metodologia proposta aqui é a da análise do discurso, que considera as condições de produção dos discursos, a observação do uso da linguagem partindo do fragmentário, do múltiplo, do histórico-social, partindo do léxico e das marcas linguísticas, presentes no discurso do migrante, que remetem à mudança na sua identidade e no seu sentimento de pertencimento, para mostrar um modelo do descentramento experimentado pelo sujeito moderno.

A abordagem dos fatos linguísticos, ligados à questão de representação do sujeito do discurso, dá elementos para indicar especificidades do discurso do migrante em situação de contato. “O sentido de um enunciado é a representação de sua enunciação, incluindo, necessariamente, uma representação das posições do sujeito da enunciação do enunciado.” (ORLANDI, 1989, p. 35).

A AD considera a linguagem como interação na relação do homem com a realidade social e como um trabalho. O discurso é um objeto histórico-social, cuja materialidade é linguística. Sua importância não está em sua função referencial, como suporte de pensamento ou instrumento de comunicação. Para a AD, as condições de produção, ou seja, os interlocutores, a situação, o contexto histórico-social, ideológico, constituem o sentido da sequência verbal produzida. Além disso, também é significativo o que o sujeito seleciona para dizer e não dizer (ORLANDI, 1996, p.17).

A produção do discurso para a AD faz-se a partir de dois grandes processos: O processo *parafrástico* e o processo *polissêmico*:

- O processo *parafrástico* reproduz de várias formas o discurso legitimado, institucionalizado, ou que pretende se institucionalizar, procura manter o mesmo sentido que já está instituído.
- O processo *polissêmico* é transgressor, instaura o diferente na linguagem, transcende o sentido legitimado, criando novas formas, novos sentidos.

Uma vez que o contexto é constitutivo do sentido, todos os sentidos são possíveis e, em certas condições de produção, há um sentido sedimentado. Essa sedimentação se faz historicamente: “...a história dos sentidos cristalizados é a história do jogo de poder da/na linguagem.”(ORLANDI, 1996, 21). O sentido se constitui no processo de interlocução, a cada momento, de forma múltipla e fragmentária. A linguagem se constitui de um movimento de processo e coisa produzida.

A tarefa do analista do discurso é procurar *marcas linguísticas*, traços, responsáveis pelas diferentes formas de funcionamento dos discursos. As *marcas* dizem respeito à organização do discurso, mas,

para caracterizá-lo, é preciso remetê-las à *propriedade*. Orlandi (1996) exemplifica este procedimento da AD no discurso religioso:

“- *Marcas*:

- a) Gramaticais: negação, perífrase, imperativo, etc.
- b) Textuais: antítese, parábola, metáfora, etc.

- *Propriedade*: Assimetria entre os planos espiritual e temporal, não-reversibilidade entre os planos e ilusão da reversibilidade.” (p. 25).

As *marcas* que atestam a relação entre o sujeito e a linguagem não são fáceis de detectar. Para atingir sua significação, é preciso teorizar acerca dos processos envolvidos na produção dos discursos.

Para responder às questões a que este trabalho se propõe, foram observadas as *marcas* que problematizam a identidade do homem do campo e sua experiência de migração. Nesta pesquisa, procurei descrever as marcas linguísticas presentes no discurso, sem a presunção de exaurir a análise de outros aspectos que o objeto suscita. Estes podem vir a ser frutos de uma pesquisa posterior.

4 A AVALIAÇÃO DO OBJETO DA PESQUISA

A metodologia utilizada na avaliação dos dados, descrita no capítulo III, foi importante para a organização das ideias e composição da abordagem das questões desta pesquisa; no entanto, foi preciso treinar o olhar sobre o objeto da pesquisa com o propósito de descrever as marcas linguísticas presentes no discurso de forma distanciada das minhas próprias convicções e expectativas acerca da experiência da migração.

4.1 Análise da entrevista I

“Eu é um outro” (Rimbaud)

Este conhecido enunciado de Rimbaud ataca a noção de sujeito cartesiano, único, completo, e faz despertar o sujeito psicanalítico, com toda sua heterogeneidade, sua alteridade. O homem está sempre em transformação, fruto da interação com outros homens, experiências, leituras. Essas transformações se explicitam no seu discurso através das escolhas de palavras que faz. Neste trabalho, a análise feita procurou descrever a materialidade da língua que remeta ao sujeito e às suas experiências. O objetivo então é a busca das regularidades e irregularidades nas escolhas lexicais a fim de descrever as condições de existência do discurso, isto é, suas regras de formação.

Para manter a ordem cronológica, as entrevistas, que estão em anexo, foram fracionadas em recortes numerados, que serão apresentados de acordo com a cadência da análise.

Observemos o recorte (1):

- (2) Na verdade, a terra que o meu pai tem é bem pouca, tem vinte e sete hectares de terra, então não é fácil pra plantar, então o que **a gente** vivia mais era do leite. Algumas vacas de leite... **ele tinha na época** uma criação de porcos. E coisas artesanais assim, **a gente produzia** melado, **hoje ele produz** farinha de mandioca. Depois que **eu** já tava **aquí** que **ele começou** a produzir farinha de mandioca, assim pra vender, pra poder sobreviver. Mas **eu lembro quando criança** o que a minha mãe fazia... não **se vendia** o leite, **ela fazia** o queijo, fazia o queijo e vendia o queijo. Aí depois, quando abriu um laticínio lá em Mercedes, aí ficou mais fácil vender o leite, dava menos trabalho, aí **a gente começou** a vender o leite. Então, na verdade, a maior renda que tinha, que

não era muito, era disso. Uma época tínhamos porcos, também, meu pai criava porco pra vender e o leite. E Assim, coisas pequenas, ele tem até hoje a produção de mel, que de vez em quando ele vende. No inverno tem o melado pra vender. E sempre coisa pouca assim, a terra não é muito pra produzir muita coisa. Mas a região mesmo é forte no soja, no trigo no inverno, no milho, farinha de mandioca e também o leite. Hoje também tá forte lá o frango, aviários com frango, tem um frigorífico com frangos em Marechal... Mas eu tirei muito leite... ah uma época meu pai também teve bicho-da-seda. Eu lembro assim na época eu tava no segundo grau, um pouco antes a gente começou... e de manhã ir na roça buscar amora antes do sol, pra poder tratar os bichos, que a comida deles é a amora, é a folha da amora. Eu tinha que colher antes do sol porque ela murcha, então tinha que estar bem viva, né, pra eles. Então era um período assim de vinte e vinte e um dias que é o ciclo dela. Recebia a larva, até ela produzir o casulo, vinte e um dias, mais alguns dias, tinha que limpar aquilo tudo pra vender o casulo...produção da seda...um tecido fino que dá trabalho...⁴

Em (2), observa-se a valoração positiva do campo, associada à forma de referenciar-se como *a gente* e aos verbos no pretérito imperfeito e perfeito: “a gente vivia mais era do leite”; “a gente produzia”; “a gente começou a vender o leite”; “Uma época tínhamos porcos”. Nota-se que o sujeito se inclui nas ações realizadas no campo. Mas, por alguma razão, Maria reconfigura seu discurso atribuindo as ações de *produzir*, *vender*, *ter*, *criar* ao seu pai. Observe-se a passagem: “Uma época tínhamos porcos, também, meu pai criava porco pra vender e o leite”. Aqui aparece a mesma ação atribuída a dois referentes; no primeiro caso, a entrevistada também pratica a ação; no segundo, a ação só é praticada pelo pai. Há também o apagamento do agente da ação em “não se vendia o leite”, o objeto da ação aparece como sujeito passivo. A mesma ação de vender logo depois é atribuída à mãe: “ela fazia o queijo, fazia o queijo e vendia o queijo. Observa-se que, na cadência do discurso, a mesma ação é atribuída ao referente *a gente*: “ai a gente começou a vender o leite”.

Observa-se também a alternância do referente *eu* e *a gente*. Na passagem “Depois que eu já tava aqui”, este referente está associado à marcação de lugar aqui, em Joinville, na cidade. Este mesmo referente

⁴ MARIA, entrevista concedida à Luci Schmoeller (2010).

aparece associado ao tempo de criança, isto é, tempo em que morava no campo: “Mas eu lembro quando criança” .

Num dado momento da fala, Maria se utiliza do referente *eu* e flutua para o *a gente* seguido de uma pausa: “Mas eu tirei muito leite...[...] Eu lembro assim na época eu tava no segundo grau, um pouco antes a gente começou... e de manhã ir na roça buscar[...]”. Maria não conclui o enunciado que contém *a gente*, faz uma pausa na cadência da fala.

Observemos agora os seguintes fragmentos:

- (7) Uma das coisas que a gente continua... sempre teve por aqui... o terreno, casa com terreno grandinho, tem que ter o verde, então o terreno... aqui em Joinville é comum se encher de brita o terreno, né, nós não, tem que ser grama, tem que ter o gramado bonitinho e a horta. A horta sempre tem que ter. Pelo menos, mesmo que não dê pra plantar outra coisa, mas cebolinha, salsinha... tem que estar lá. Sempre a gente tem. No inverno a gente planta as verduras que é forte ter no inverno, repolho, alface. Coisas que a gente sempre fez, que a mãe sempre tinha horta, plantava cenoura, rabanete⁵.
- (8) Ah eu... o costume que a gente sempre teve de mexer na terra. A gente cresceu mexendo na terra. E... a gente sente necessidade disso, ter aquele contato, de vez em quando arrancar o matinho, mexer na terra de plantar, de colher, que a gente sempre fazia, né. De certa forma a gente sempre mantém a ligação, né, porque a gente cresceu fazendo isso, então virou um hábito, a gente não consegue deixar isso de lado assim. Se ficar muito tempo sem mexer na terra a gente sente a falta. Uma plantinha tem que ter, lá colher uma goiabinha no pé é tão bom comer a fruta direto do pé, ameixa, maracujá... a gente tem as plantas.. sempre é bom⁶.

Na análise destes recortes (7) e (8), vemos uma marcação de lugar: “por *aqui*” e “*aqui em Joinville*”, marcando o lugar: a cidade. A entrevistada fala sobre os hábitos do campo que ainda cultiva na cidade em que se nota um caráter de idealização bucólica que Maria atribui ao campo. Nota-se que o uso da expressão *a gente* é uma das marcas linguísticas mais presentes, além dessa, observa-se a utilização da

⁵ Maria, entrevista concedida à Luci Schmoeller (2010).

⁶ Maria, entrevista concedida à Luci Schmoeller (2010).

marcação de tempo *sempre* que permeia todo o recorte. Associados a esses elementos estão os verbos no pretérito imperfeito, caracterizados pelo aspecto de continuidade da ação, e no presente, expressando uma ação habitual, que vêm ratificar o caráter contínuo das ações. Até mesmo os verbos aplicados no pretérito perfeito não são fechados como uma ação acabada: quando modificados pelo advérbio *sempre*, trazem um aspecto de ação prolongada e/ou repetida.

Outro aspecto interessante dos fragmentos (7) e (8) é o uso do referente *a gente*. Podemos notar que, apesar de o lugar estar marcado como a cidade de Joinville, há uma referência forte à vida no campo. Então, num primeiro momento, podemos associar o uso da expressão *a gente* à referenciação do sujeito que atribui um caráter positivo à vida no campo.

Então, as regularidades dos recortes (2), (7) e (8) apontaram para uma valoração positiva e nostálgica do campo e para o uso do referente *a gente*, associado ao *sempre* circunstancial e ao caráter contínuo dos verbos. A isso denominamos de primeiro paradigma: a posição que o sujeito que enuncia ocupa está associada ao campo. Apesar de haver em (2) uma flutuação entre o *eu* e o *a gente* nas escolhas lexicais, observamos que o *eu* está marcando uma posição de sujeito da memória e de sujeito que fala a partir da cidade.

À medida que a análise ia se construindo, observamos outros aparecimentos do pronome *eu*:

Observemos os recortes (9) e (10):

- (9) O meu caso é bem particular, né... Quando eu vim pra cá, a minha irmã era professora, diretora de escola, ela morava próximo à escola onde ela trabalhava, eu não vim como eu Maria, eu era a irmã da dona Marinete. Então eu saía na rua, todo mundo conhecia... ou era aluno da escola, ou ex-aluno, ou pai de aluno que conheciam ela e sabiam onde ela morava, então sabiam que quem tava ali era a família dela, então eu saía, eu era irmã da dona Marinete, não era eu. Então o que a gente via, era isso o reconhecimento da gente. Sempre foi essa rotulação assim né, sempre foi a fulana que é irmã de siclana, porque ela já era referência. Hoje não, depois de tempo passado, a gente não mora mais no mesmo lugar. Então hoje não, hoje já percebo que eles me reconhecem pelo que eu sou, pelo meu trabalho. Por mais que muitos sabem que eu tenho uma irmã da função que ela tem, às vezes quando eu chego numa escola: “ah, você é a irmã da

fulana. Né?” Inevitável, mas hoje, o meu trabalho eu já sou reconhecida pelo trabalho que eu faço [...] ⁷

- (10) Quando eu morava com meu pai, é porque não era eu, eu era a filha do... meu pai era ministro de igreja, então eu era a filha do ministro. Aí eu vim pra Joinville eu passei a ser a irmã da dona Marinete. Então, na faculdade, aí não, porque o pessoal não sabia, então lá eu era eu, mas na redondeza, na vizinhança, no bairro não era eu, eu era a irmã da dona Marinete. Por muito tempo foi assim. Depois que eu comecei a trabalhar, a ir um pouco mais longe, não fiquei na mesma escola, daí começou a mudar isso ⁸.

Observamos em (9) o uso do pronome *eu* associado ao uso do advérbio *hoje*. Esse uso marca outra posição do sujeito que enuncia, agora associada aos dias atuais, em que vive na cidade (marcada no discurso pela palavra cá), constituindo o segundo paradigma.

Há notoriamente um paralelo entre estes dois recortes, marcados pela temporalidade: “quando eu vim pra cá” / “quando eu morava com meu pai”. Essas duas passagens relatam uma intersecção de dois sujeitos, ambos marcados pelo pronome *eu*; o primeiro refere-se à vida na cidade, o segundo à vida no campo.

O primeiro (recorte 9), ao referir-se à cidade, é marcado negativamente pelo não-reconhecimento de si por parte das pessoas e dela mesma num enunciado que se repete na fala: “eu não vim como eu Maria, eu era a irmã da dona Marinete”; “eu era irmã da dona Marinete, não era eu”.

Este mesmo referente aparece também no recorte (10): “não era eu”; “eu era a filha do ministro”, quando se refere ao passado no campo. A repetição do enunciado “eu não era eu” nos dois recortes aponta para a mesma experiência negativa vivida nesses dois lugares, a experiência de não ser reconhecida, de ter sido *rotulada* (mesma palavra utilizada por Maria). Este não-reconhecimento aparece através do aparecimento de paráfrases: “a irmã da dona Marinete”; “quem tava ali era a família dela”; “filha do ministro”. Ela reproduz a fala das pessoas que a rotulam ou rotularam. Essa experiência negativa, vivida não só na cidade como também no campo, ressignifica a valoração positiva atribuída ao campo, que aparece anteriormente. Observemos que há uma

⁷ Maria, entrevista concedida à Luci Schmoeller (2010).

⁸ Maria, entrevista concedida à Luci Schmoeller (2010).

passagem que corrobora essa afirmação: “Quando eu morava com meu pai [...] eu era a filha do ministro. Aí eu vim pra Joinville eu passei a ser a irmã da dona Marinete”. Agora, o campo e o passado, assim como a cidade, aparecem como lugar e tempo em que há uma perda de si.

Em (9), além do *eu*, o enunciador flutua para um *a gente*: “Então o que a gente via, era isso o reconhecimento da gente. Sempre foi essa rotulação assim né, sempre foi a fulana que é irmã de siclana, porque ela já era referência. Hoje não, depois de tempo passado, a gente não mora mais no mesmo lugar.” O primeiro paradigma, representado pelo *a gente*, que marcava positivamente o campo como ideal bucólico, é ressignificado. É interessante notar que Maria deixa marcas em seu discurso desta perda de si a que se refere, pois, ao afirmar “não era eu”, passa imediatamente o referente para *a gente*: “eu era irmã da dona Marinete, não era eu. Então o que a gente via, era isso o reconhecimento da gente”. Quando mais deveria se afirmar, anulando a rotulação das pessoas, o enunciador passa a usar o referente *a gente*.

O interessante no recorte (10) é que, mesmo quando ela diz “eu não era eu”, fica marcada uma construção de si como “eu” e não “a gente”. O primeiro, caracteriza-se pela singularidade; o segundo, dá a ideia de um “eu” diluído no coletivo. O uso dos advérbios de lugar reforça essa distância entre o “eu” e “a gente”: a gente lá; eu aqui. O sujeito do campo mostra-se dividido, enquanto o sujeito da cidade, apesar de se dizer “não eu”, assume uma posição individual, típica do sujeito urbano.

Observamos também que há uma contraposição clara entre *bairro, redondeza, vizinhança, escola / faculdade, trabalho, longe* no recorte (10) : “Então, na faculdade, aí não, porque o pessoal não sabia, então lá eu era eu, mas na redondeza, na vizinhança, no bairro não era eu, eu era a irmã da dona Marinete. Por muito tempo foi assim. Depois que eu comecei a trabalhar, a ir um pouco mais longe, não fiquei na mesma escola, daí começou a mudar isso.” Da mesma forma que o campo e o passado, o bairro é também o lugar de rotulações, da perda de si. Em contraposição a isso, estão a faculdade, o trabalho e o *hoje*. Lugar e tempo a que o sujeito atribui valor positivo. Observa-se a mudança da marca de tempo: antes marcado pelo *sempre*, agora o discurso aparece marcado pelo *por muito tempo*, que tem um aspecto menos duradouro que o circunstancial *sempre*. Esse uso do tempo menos duradouro é significativo, pois, na cadência da fala, Maria explica que há uma mudança a partir do momento em que vive outras experiências na faculdade e no trabalho: “daí começou a mudar isso”. A essa experiência

positiva associa o advérbio *longe*, contrapondo-o ao *perto* (*vizinhança, redondeza, bairro*).

Em (9), Maria descreve esta mesma passagem para a vivência da experiência positiva de ser reconhecida: “Hoje não, depois de tempo passado, a gente não mora mais no mesmo lugar. Então hoje não, hoje já percebo que eles me reconhecem pelo que eu sou, pelo meu trabalho. por mais que muitos sabem que eu tenho uma irmã da função que ela tem, às vezes quando eu chego numa escola: “ah, você é a irmã da fulana. Né?” Inevitável, mas hoje, o meu trabalho eu já sou reconhecida pelo trabalho que eu faço”. Notamos uma flutuação do *eu* para *a gente*, em que este último é marcado pelo mesmo lugar em que era rotulada. Observamos, no entanto, que o referente *eu* aparece associado à boa experiência.

É possível ainda fazer uma associação entre o que foi apontado e algumas passagens de (2) que indicam o valor positivo de ser detentor do saber, nesse caso o saber técnico acerca das especificidades da vida no campo: “Na verdade, a terra que o meu pai tem é bem pouca, tem vinte e sete hectares de terra, então não é fácil pra plantar, então o que a gente vivia mais era do leite”. Essa passagem indica que sabe a quantidade de terra necessária para que a agricultura seja lucrativa: “No inverno tem o melado pra vender. E sempre coisa pouca assim, a terra não é muito pra produzir muita coisa.” As informações referentes à vida no campo, mais precisamente ao lugar onde vivia, são apresentadas como um saber inerente ao sujeito que enuncia: “Mas a região mesmo é forte no soja, no trigo no inverno, no milho, farinha de mandioca e também o leite. Hoje também tá forte lá o frango, aviários com frango, tem um frigorífico com frangos em Marechal...”. Acerca do processo de produção da seda, Maria descreve com detalhes: “Eu lembro assim na época eu tava no segundo grau, um pouco antes a gente começou... e de manhã ir na roça buscar amora antes do sol, pra poder tratar os bichos, que a comida deles é a amora, é a folha da amora. Eu tinha que colher antes do sol porque ela murcha, então tinha que estar bem viva, né, pra eles. Então era um período assim de vinte e vinte e um dias que é o ciclo dela. Recebia a larva, até ela produzir o casulo, vinte e um dias, mais alguns dias, tinha que limpar aquilo tudo pra vender o casulo...produção da seda...um tecido fino que dá trabalho...”. Observa-se ainda que o referente utilizado é *eu*, mas que flutua para *a gente* da mesma forma como aparece no recorte (9).

Essa mesma flutuação do referente é observada em (4):

- (4) Não em termos de costumes assim, não percebi muita diferença. A maior diferença foi o fato né de sair do campo e vir pra cidade. **No campo, a gente tava ali** é... só tinha convívio diário com a **família**, né, e quando ia pra **escola**, fora isso não. Convívio com mais gente, só fim de semana, quando ia pra **igreja**, quando tinha uma festa, quando tinha algum evento. E **aqui não, é tu sair na rua** é aquela multidão de gente, né. Então a maior da dificuldade foi essa, da questão rural pra questão urbana... Foi **logo que eu cheguei, eu já fiz o vestibular**, aí **eu** esperei o resultado, **passei no vestibular**, já fui ficando, então, o meu maior contato foi com o pessoal da **faculdade**..⁹

É possível apontar a mesma regularidade observada nos recortes anteriores: o aparecimento do referente *a gente* está novamente associado ao campo – primeiro paradigma. Mas, agora aparece a escola, a família e a igreja delimitando o espaço do campo. E, da mesma forma, o uso do referente *eu* é associado à cidade, ao vestibular e à faculdade – segundo paradigma.

É interessante observar que, mesmo dizendo-se sozinho no campo, o sujeito constitui-se coletivizado na expressão “a gente”, sugerindo como as relações se estabelecem, marcadas por trocas intersubjetivas.

No entanto, o que chama a atenção no recorte (4) é a utilização de um novo referente: “E **aqui não, é tu sair na rua** é aquela multidão de gente”. O mote desta passagem remete à dificuldade de relacionar-se com o modo de viver dos habitantes da cidade. Além disso, essa dificuldade está presente em lugar próximo dela, no bairro – novamente o bairro está associado a uma experiência negativa.

Esse mesmo aspecto pode ser observado em outros momentos da entrevista:

- (3) Foi difícil, eu lembro que foi. Até hoje **eles têm preconceito para com o paranaense**...é... eu lembro que o pessoal **pegava** muito no pé, **pé vermelho**,né. E tinha que cuidar muito que **a gente... a maneira de falar é diferente**, né. Então **se tu cometia um deslize**, falar **diferente do que eles** falam aqui, **eles “metem o pau em cima”**. Foi difícil. Olha, se desse pra mudar de ideia e poder voltar assim, se desistisse fácil das coisas, desistia. Se não fosse morar com a família aqui, acho que eu tinha voltado. Eu só

⁹ Maria, entrevista concedida à Luci Schmoeller (2010).

aguentei porque morava com as minhas irmãs aqui, eu tinha tempo pra conviver com elas, a minha tia... acho que sozinha eu não tinha... acostumada com um monte de gente ao redor. Se tivesse que ficar sozinha assim de uma hora pra outra, aos dezoito, dezenove anos, eu não tinha aguentado.¹⁰

- (6) Tratam. Tratam diferente... e é até interessante, **quando a gente tá aqui, a gente não é daqui, a gente veio porque a gente veio de fora... em Joinville tu é paranaense**. Aí **quando você volta pra lá**, pelo fato de tá morando tanto tempo aqui já, aí lá **eles não te reconhecem** mais como alguém de lá. **Você já é daqui. Te consideram** como sendo daqui. Então tem que vê, tem muita diferença sim, e assim, **a gente acaba perdendo contato** um pouco, né. A gente mantém o contato com a **família**, mesmo. Com as outras pessoas, **a gente acaba perdendo o contato**. Então, pessoas com quem eu estudei, meus amigos de **escola**, a maioria também já não mora por lá, **a gente acaba perdendo contato**. Então **tu volta hoje, essas pessoas**, a maioria que são da idade da gente não estão mais por lá. E os que eram crianças hoje estão tudo adulto, a gente não viu crescer, **a gente não tem vínculo**. Então **a gente** acaba tendo **vínculo** apenas com a **família** e poucas pessoas além disso.¹¹

Da mesma forma que em (4), em (3) e (6), a utilização de um novo referente (*tu, você*), designando o sujeito que enuncia, aparece ao abordar uma situação de dificuldade: “se **tu** cometia um deslize”; “em Joinville **tu** é paranaense”; “quando **você** volta pra lá”; “**Você** já é daqui. **Te** consideram...”; “**tu** volta hoje”. O preconceito, o deslize, o diferente são marcados por outra escolha lexical. É interessante notar também que nessa situação de conflito o *tu* ou *você* é que se confronta com um *eles*: “**eles não te reconhecem**”; “falar **diferente** do que **eles** falam aqui, **eles “metem o pau em cima”**; “**Te consideram** como sendo daqui”. Esse *eles* é a representação do outro da cidade e do campo. Essas escolhas linguísticas desse sujeito do discurso explicitam a experiência negativa pela qual passou. É importante apontar que a mesma experiência é vivida não só na cidade como também no campo. Em Joinville, o conflito é desencadeado pelo falar diferente, pelo preconceito para com o paranaense – faz uso, inclusive, da fala do outro, como nas passagens:

¹⁰ Maria, entrevista concedida à Luci Schmoeller (2010).

¹¹ Maria, entrevista concedida à Luci Schmoeller (2010).

“tu é paranaense”; “pé vermelho”¹². Ao voltar para a cidade natal, vê-se novamente na situação de diferente: “não te reconhecem”; “Te consideram como sendo daqui”. Essa constatação mais uma vez ressignifica o campo. Antes idealizado, agora é associando a outra experiência negativa.

Notamos também que, ao falar da posição do campo – primeiro paradigma – é o *a gente* que aparece: “**a gente**... a maneira de falar é diferente”; “**a gente** não é daqui, **a gente** veio porque **a gente veio de fora**”; é novamente associado à família e à escola. Vemos uma frase que se repete várias vezes em (6): “a gente acaba perdendo contato”, nesse caso refere-se ao contato com as pessoas do campo, explicitando o conflito já mencionado.

O mapeamento dos referentes na entrevista I aponta para uma flutuação nas posições do sujeito do discurso, ora enuncia como sujeito do campo, ora da cidade; ora do bairro, ora da faculdade; ora contrapõe-se ao outro da cidade, ora contrapõe-se ao outro do campo. A materialidade da língua nos mostrou que, ao falar de suas experiências de vida, o sujeito se configura e reconfigura através da linguagem. A fluidez nas posições de sujeito pôde ser evidenciada e esta fluidez é constitutiva da identidade. A materialidade da língua revela uma bifurcação, uma identidade constituída por um sujeito cindido.

“Ao bifurcar, nós amadurecemos, sem fazer tábula rasa de nosso passado! Ao mesmo tempo, não engrossamos necessariamente, assimilamos, integramos (no sentido do cozinheiro que, a partir de diferentes ingredientes, cria e confecciona um prato complexo) e fazemos nossa nova dimensão beneficiar-se do que pudemos apreciar, do que compreendemos das precedentes...” (SCHERER, *et al.*, in: CORACINI, 2003, p. 33)

Nas palavras de Scherer *et al.*, a problemática de Rimbaud volta à tona: *eu* estará sempre sendo modificado em um *outro*: “o sujeito é constitutivamente dividido, não-uno e, portanto, não coincidente consigo mesmo” (BERTOLDO, in: CORACINI, 2003, p. 93), o que pode ser confirmado pela marcas linguísticas apontadas nos recortes.

Nas palavras de Coracini (2003, p. 151): “Embora o desejo identitário do sujeito procure a todo preço a sua individualidade, esse

¹² “Pé vermelho” é uma denominação utilizada para designar os nativos do interior do Paraná, fazendo associação com a cor avermelhada do solo típico desta região.

desejo, recalcado, depara-se com a presença do outro, ou melhor dizendo, de outros [...]”. A ambiguidade é constitutiva da identidade do sujeito.

Esses aspectos contraditórios da formação identitária do sujeito aparecem no momento em que é feito o relato de sua vida. Ocorre um balanço avaliativo e, ao encontrar-se consigo mesmo, compreende sua própria subjetividade. Narrar-se é uma porta para compreender o movimento de alteridade de que se constitui.

Como a identidade permanece sempre incompleta, sempre em processo, o sujeito migrante se vê deslocado, composto por pequenos fragmentos, “é atravessado e habitado pelo outro, está inscrito sócio-historicamente e, embora tente camuflar a heterogeneidade que o constitui, é atravessado pelo inconsciente [...] emergindo apenas pela linguagem, lá onde se percebem lapsos, atos falhos” (CORACINI, 2003. P. 271). Como pudemos ver, é a linguagem que dá pistas desse sujeito esfacelado e fragmentado. A tessitura do texto expõe essa alteridade que nos forma. “As identificações não existem em si mesmas, elas são incessantemente (re)construídas por meio da diferença, por meio da relação com o outro e emergem apenas por momentos, pela porosidade da linguagem” (ECKERT-HOFF *in*: CORACINI, 2003, p. 273)

Outra análise que podemos fazer é a da estrutura sob a qual a entrevista está cadenciada. Observamos que a mesma estrutura se repete na medida em que a entrevista vai se construindo:

Tabela 4: Estrutura da entrevista I

Recorte	Assunto abordado	Recorte	Assunto abordado
(2)	Idealização do campo. (uso de <i>a gente</i>)	(7) e (8)	Idealização do campo. (uso de <i>a gente, sempre</i>)
(3) e (4)	<i>Experiência negativa na cidade, no bairro:</i> conflito de culturas. (uso de <i>tu, eles, a gente</i>) <i>Experiência positiva:</i> faculdade. (uso de <i>eu</i>)	(9)	<i>Experiência negativa na cidade, no bairro:</i> rotulação. (uso de <i>quando eu vim, eu, a gente</i>) <i>Experiência positiva</i> no trabalho, faculdade – reconhecimento. (uso de <i>eu, hoje</i>)
(6)	<i>Experiência negativa na cidade:</i> não-pertencimento. (uso de <i>tu, eles</i>) <i>Experiência negativa no campo:</i> não-pertencimento. (uso de <i>tu, você, eles, a gente</i>)	(10)	<i>Experiência negativa no campo, no bairro:</i> rotulação. (uso de <i>quando eu morava com meu pai, eu</i>) <i>Experiência negativa na cidade:</i> rotulação. (uso de <i>eu, por muito tempo</i>)

Podemos ver que a abordagem dos assuntos obedece à mesma estrutura e que o campo é apresentado de forma idealizada, mas depois é ressignificado pela narração de experiências negativas que o sujeito experimentou não só no campo como também na cidade. Notamos também que há um paralelo entre o *longe* e o *perto*, a faculdade opõe-se ao bairro.

Estas evidências nos levam a algumas considerações acerca da entrevista I:

(a) A dicotomia campo/cidade, que aparece a princípio, não se sustenta no discurso de Maria;

(b) O que se opõe são as experiências negativas e positivas tanto na cidade como no campo, vividas pelo sujeito do discurso que se inscreve na materialidade da língua;

(c) Ao abordar os conflitos vividos na cidade e no campo, utiliza-se de uma estratégia para não se colocar propriamente nele, usa os pronomes *tu* e *você* que se opõem ao *eles* ameaçador. O sujeito revela

um sentimento de não-pertencimento em relação ao campo, da mesma forma que em relação à cidade.

(d) A experiência negativa, a mesma perda de si, causada pela rotulação, é experimentada no campo e na cidade.

(e) Os referentes *eu* e *a gente* não se contrapõem, mas se intercalam para mapear a dispersão das diferentes posições do sujeito do discurso.

(f) A experiência positiva está sempre ligada à faculdade e ao saber.

4.2 Análise da entrevista II:

Por meio da linguagem, o sujeito exterioriza seu modo de ser e sua singularidade, pois todo sujeito é único e singular em seu tempo e em seu espaço, por sua história de vida. O sujeito não se manifesta somente pela fala, mas por materialidades que o cercam, seu modo de vida, sua maneira de andar, de se comportar à mesa, de se vestir, de dormir e “essas maneiras pertencem a um conjunto de pessoas e essas pessoas a uma dada sociedade” (SCHERER *et al*, in: CORACINI, 2003, p. 24).

Assim, o olhar despendido sobre a entrevista II também foi no sentido de explicitar as regularidades e irregularidades presentes no discurso que exteriorizem as posições do sujeito que se configura e reconfigura através da linguagem.

Uma das marcas que mais se destaca na entrevista II é o uso do verbo *sofrer*. Este verbo sempre se apresenta no pretérito perfeito ou imperfeito. Observemos que, nos recortes (14)-(17), as marcações de lugar *na roça*, *na lavoura* estão associadas ao verbo *sofrer* e *lutar*, sempre se referindo ao passado:

(14)Meu Deus... muito, muito, **na lavoura e sofri**, tive, **eu** tive quatorze filho e dez no sítio. **Eu** tive dez filho no sítio...¹³

(15)**nós** trabalhava na farinha. Uma época **nós** fizemo seiscentos saco de farinha. **Levamo** seis meses para conségi fazê, foi uma ... dos meus filho, meus quatro filho mais velho **sofreram** muito **na roça**. Meu Deus... é muito filho pequeno né, **a gente** tinha quase dois filho de colo. Daí **a gente sofreu** muito né, daí depois que meus quatro filho ficaram, o mais velho com catorze

¹³ Matilde, entrevista concedida à Luci Schmoeller (2010).

anos que já ajudava ele na lavoura e depois veio o outro, os quatro mais velho, aí foram que ajudaram meu velho a construí a lavoura que senão não dava conta. Era todo ano um filho, né, e **sofria** muito, tadinho, **sofreu** muito **na roça**.¹⁴

(16)Meu Deus... meu Deus... olha **nós sofrimo, sofrimo** mesmo. Ainda bem que meu velho era um capitalista forte né, nossos engenhos era tudo com guasca, a água corria dentro dos tanque.¹⁵

(17)Ah,era assim é uma cachoeira do morro. Vinha a cachoeira do morro, daí nós botamo uma calha, depois vinha por uma mangueira e corria no tanque, no coxo, no tanque da mandioca, de lavar roupa. Aí facilitô mais pra mim, mas antes era lá... daí lavava roupa esfregando numa tábua. É, é, **hoje, hoje eu me sinto assim que tô na glória**. É, depois de velha que eu vi voltar a ser as coisas bem fácil de trabalhar. Mas **...na lavoura foi fogo. Eu** dava conta, e **eu** com quatro filhinho pequeno, de descascar mandioca pra seis saco de farinha por dia. Mas **eu levantava duas horas da madrugada, com o cantar do galo, o galo cantava e nós levantava duas horas da madrugada**. E aí depois, chegava o romper do clarear o dia, faltava uns dois balaio pra terminar. **Eu** com quatro filho pequeno, pequenininho, assim, eles completavam quatro, cinco, seis anos já tavam com uma faquinha raspando mandioca. Aí depois o meu velho fez um troço assim de nós botá aquelas carrada de mandioca dentro dum, dum, ele fez um... um tipo de um paiol, uma coisa, e ele virava .. ele virava e raspava a mandioca, mas depois nós tinha que cortar as cepa. Ai guria, **nós sofremo**.¹⁶

Matilde, através do uso desses verbos no passado, atribui à vida na roça uma carga negativa de dor e sofrimento. A expressão “*na lavoura foi fogo*” (recorte (17)), corrobora essa conclusão. Matilde atribui o sofrimento a diversos sujeitos (sujeito gramatical): no recorte (14) é ela quem sofre; no recorte (15) são os filhos, o marido e o enunciador coletivo *a gente* quem sofre; no recorte (16) e (17) é atribuído ao *nós*, também um enunciador coletivo. Além disso, em (17’), aparece a expressão **tempo sofrido**: o verbo sofrer é usado na forma

¹⁴ Matilde, entrevista concedida à Luci Schmoeller (2010).

¹⁵ Matilde, entrevista concedida à Luci Schmoeller (2010).

¹⁶ Matilde, entrevista concedida à Luci Schmoeller (2010).

nominal como adjetivo de tempo, esse tempo refere-se ao tempo da vida na roça.

Esse primeiro aspecto está presente em todo o texto afirmando a cada momento que a vida no campo é ruim, difícil. Para Matilde, o homem do campo é um sofredor.

(17^o) **Eu** queria uma... queria assim uma coisa pra mostrar pros meus filho agora o **tempo sofrido**. Por isso é que eu digo, **hoje, agora, eu fui pra Goiânia**. Então, meus filho me incentivaram muito. Aí meu filho mais velho disse assim: olha, mãe, quem viu o que **a mãe sofreu** foi nós quatro que vimo a mãe como **a mãe sofria**, então a mãe tem liberdade de ir agora e conhecer algum lugar porque eu nunca fui num restaurante, eu nunca fui a um baile, eu nunca fui a uma festa, só criando os filho. Hoje meus filho me abraçam, todos eles né, muito carinho, eles me deram força pra viajar porque **eu acho que eu mereço**, desde os meu dezessete ano, eu casei com meus dezessete ano, e já na... eu casei em agosto... não casei em julho e em novembro já tive o meu primeiro filho. Ai **foi uma luta...**¹⁷

(18) Aí nós resolvemos vir pra cá, sabe por quê? Porque naquela época a tupy buscava gente lá no sítio pra trabalhar e aí as nossas terra, nós tinha um lote de terra, e as nossas terra tavam já enfraquecida, já não dava mais lavoura como a gente.... né... e acabou... o arroz dava pouco. **Nós só lutava** mesmo com o feijão e a mandioca. E as outras... aí os filho cresceram e vieram pra cidade... **a cidade nova, né**... e aí a gente também não pôde também dar estudo pra eles, estudemo só uma filha e um filho nós estudemo. Hoje, nenhum é... o André tá com vinte anos e o Maurício também, mas os outros não tem nenhum que nós nunca pudemo dar estudo pra eles, **então hoje sofrem**. Tem quatro **filho ali de pedreiro sofrendo** também na mesma conta. **Que a família deles já tão sofrendo igual nós sofremo...** é servente de pedreiro que que vai dar. Não dar nada.... [...] E **nós** tinha muito gado.. e era muito trato né, muitas coisas.. e era muita grota, mas só que meu velho **lutou** porque ele é um capitalista com muita lavoura, ele fazia, tinha engenho de cana, também trabalhava com cana, melado, aí foi disso que nós **sobrevivemo**. Esses tempo eu fui fazê um tratamento ali no

¹⁷ Matilde, entrevista concedida à Luci Schmoeller(2010).

Torres dos nervo, ele disse, querida, como é que tu pôde criar os teus filho. Eu digo, olha Torres, eu criei meus filho com leite, com coisas gostosa, e as batata o aipim, muita rosca , a gente fazia rosca, fazia biju, fazia tapioca, Meu Deus, assim, muito leite, né, hoje em dia, tão criando essas criança com essas coisas, né. Mas no meu tempo, meus filho era tudo forte...graças a Deus...aí uma vez o meu velho foi cortou o pé, quase botou o último sangue, aí tinha um farmacêutico lá, aí acudiu ele. Teve um dia, a cobra mordeu o meu filho mais velho, quase que ele teve entre a vida e a morte, eu grávida, e não podia tratar dele porque a picada de cobra não pode ver, ele teve que vê eu pelas costas, pra... ele teve que vê eu primeiro do que eu vê ele quando tava vindo da roça porque a cobra tinha mordido... **nós sofrimo na roça, nós sofrimo..**¹⁸

Vemos que, nos recortes (15), (17), (17') e (18), o verbo *sofrer* e expressões sinônimas são utilizados em algumas passagens onde se nota um traço comum, marcam o fechamento do seu texto: “sofria muito, tadinho, sofreu muito na roça” (15); “...Ai guria, **nós sofrimo** (17); “Ai foi uma luta...” (17'); “... **nós sofrimo na roça, nós sofrimo...**” (18). Nesta mesma linha, tomemos os fragmentos do recorte (18): “...o André tá com vinte anos e o Maurício também, mas os outros não tem nenhum que nós nunca pudemo dar estudo pra eles, então hoje sofrem. Tem quatro filho ali de pedreiro sofrendo também na mesma conta. Que a família deles já tão sofrendo igual nós sofrimo.... é servente de pedreiro que que vai dar. Não dar nada...”. Observemos que o verbo sofrer é aplicado no presente do indicativo e associado à marcação de tempo *hoje*, que tem o mesmo aspecto de continuidade do verbo *sofrendo* no gerúndio. A característica de *sofredor* não só é aplicada ao homem do campo, mas também ao homem que não consegue progredir financeiramente. Matilde deixa claro que esta realidade não faz mais parte de sua vida, ela deixou de ser *sofredora*, ao afirmar que “*a família deles já tão sofrendo igual nós sofrimo*”, sofrimento que passou.

Apesar disso, algumas passagens marcam positivamente a vida no campo. Observemos os seguintes recortes:

(18') Eu digo, olha Torres, eu criei meus filho com leite, com **coisas gostosa, e as batata o aipim, muita rosca , a gente fazia rosca, fazia biju, fazia tapioca,** Meu Deus, assim, muito leite,

¹⁸ Matilde, entrevista concedida à Luci Schmoeller (2010).

né, hoje em dia, tão criando essas criança com essas coisas, né. Mas **no meu tempo, meus filho era tudo forte...**graças a Deus...¹⁹

(20^o)[...].... mas só que se fosse uma coisa, dissesse assim, volta pro sítio, eu ia voltá de novo. Gosto muito da minha terra, e se não fosse os inventário aqui, que ta dando trabalho pra fazê esse inventário, que é muito caro, eu ia vendê minha morada e ia pra São João de volta.²⁰

(21) Ah, eu sinto. Eu sinto falta de... ah de ter um porquinho, um vaquinha. Eu tô velha, mas ainda to forte pra trabalha. Olha, eu capino esses morro aí. Mas eu tenho muita saudade. Minha filha diz: é louca, mãe. Mãe, compra um sítio pra... com bastante laranja, bastante fruta...aí, sábado nós vamos pra lá tudo. Digo: ah, vocês querem é isso.... **Nós tinha um rio que passava atrás,** gurria, quando dava chuva **nós fazia aquele “jiqui”**, aquela boca bem grande e atrás ficava fininho, então, o peixe entrava ali e lá não escapava. Aí quando dava aquelas chuva e lá enchia. Então **dava aquelas tarairá,** né, os cará, vinham tudo pra boca do “jiqui”, aí, chegava de manhã, eles virava o “jiqui” tava cheinho de peixe, **ah que coisa mais deliciosa, aqueles camarãozinho da água.. muito lindo,** meu Deus, .. a gente tem saudade, mas a nossa vida é que nem vento, passa, o dia-a-dia, a nossa vida é que nem vento, hoje eu to conversando contigo, amanhã já não ta mais, já passou, né. Já passou, que é um vento... acho que a gente tem que vivê o dia-a-dia, né? Porque amanhã é amanhã e o ontem já passou.²¹

(22)Olha, eu... quando eu tava no sítio eu queria vir pra aqui, mas aqui, pros aposentado já deu pra bola. Eu costuro, eu costurava e ainda costuro assim, né, mas, as coisas assim não tem mais valor, o que é manual, a gente faz as coisas manual e quando vai vender não tem mais valor... então eu gostava mais no sítio... **mas agora não tem mais aquele sítio como nós tinha,** sítio agora ta... **eu queria aquele sítio com nossos engenho de farinha, nossos engenho de cana de açúcar,** né, **mas agora**

¹⁹ Matilde, entrevista concedida à Luci Schmoeller(2010).

²⁰ Matilde, entrevista concedida à Luci Schmoeller(2010).

²¹ Matilde, entrevista concedida à Luci Schmoeller (2010).

aquilo não tem mais, então agora, vou ter que ficar aqui mesmo.²²

Vemos que há certa nostalgia em seu discurso, mas a própria Matilde marca a ressignificação da experiência no campo: “mas agora não tem mais aquele sítio como nós tinha”; “mas agora aquilo não tem mais, então agora, vou ter que ficar aqui mesmo”.

Outra marcação interessante é o uso dos referentes *eu* e *nós* no discurso de Matilde. Grande parte das marcações do enunciador coletivo aparecem quando associadas à marcação de lugar *na roça*, *na lavoura*: “... nós trabalhava na farinha. Uma época nós fizemos seiscentos sacos de farinha. Levamos seis meses para conseguir fazê, foi uma ... dos meus filho, meus quatro filho mais velho sofreram muito na roça” (15). “Mas eu levantava duas horas da madrugada com o cantar do galo; o galo cantava e nós levantava duas horas da madrugada” (17): observemos neste fragmento que a mesma ideia aparece duas vezes, na primeira vez Matilde utiliza *eu*, mas refaz sua construção utilizando o enunciador coletivo. Quando seu discurso é marcado pelo advérbio *hoje* é o pronome *eu* quem aparece: “hoje, agora, eu fui pra Goiânia”; “Hoje meus filho me abraçam, todos eles né, muito carinho, eles me deram força pra viajar porque eu acho que eu mereço” (17’). Diferentemente da entrevista I, em que havia uma alternância no uso dos referentes *eu* e *a gente*, aqui a questão é o uso do *nós* e *eu*. Apesar dessa diferença, nota-se a semelhança pelo preferência do uso do enunciador coletivo quando se refere ao campo e da posição individual da qual enuncia quando se refere à cidade, mostrando mais um vez a característica do individualismo típico da realidade urbana.

É importante notar que, ao referir-se à vida na cidade, Matilde, em várias passagens, destaca sua viagem a Goiânia, e este episódio de sua vida está sempre associado ao *eu* e à valoração positiva: “hoje, hoje eu me sinto assim que tô na glória. É, depois de velha que eu vi voltar a ser as coisas bem fácil de trabalhar” (recorte 17); “Por isso é que eu digo, hoje, agora, eu fui pra Goiânia [...], então a mãe tem liberdade de ir agora e conhecer algum lugar” (recorte 17’); “ainda não fui pra Goiânia?! Mas, olha, meu Deus, aquela cidade... porque as minhas filha ainda tem eu assim, sou que nem criança, elas não me deixam assim parada, mãe isso, cuidado aí. Agora fui pra lá, me soltei, gurria, aquela escada lá de Aparecida do Norte, a passarela, ele disse: Mãe, a mãe não

²² Matilde, entrevista concedida à Luci Schmoeller(2010).

teve medo de olhar pra baixo. Eu disse: Capaz, meu filho!.. Capaz....” (recorte 20); “a ah **agora**, quando **eu fui viajar**” (recorte 24).

Observemos agora o recorte (24):

(24) Não, **os que ainda vêm de lá eles se admiram**, menina, aqui. **Eles dizem: Comadre Matilde tá bem, tá chique**,... eles dizem assim, né. **Eles me conheceram lá no sítio como eu era**, aí, ah **agora**, quando eu fui viajar, disseram: Mas, como que essa mulher vai pra lá... eles acharam ruim, meus cunhado, é...ainda ontem meu filho deu carona prum cunhado meu: Meu Deus, eu não acredito que a comadre Matilde foi viajar pra essa distância. Aí, meu filho: é, mas veio e foi que uma beleza. Mas eu acho muito engraçado.... eu pedi pra mulherada: e quanto custa minha passagem agora, minha passagem agora, pelo mínimo, eu só trouxe cem reais de volta, guardei doze milhão e novecentos. **Ah, tu tá por cima da carne seca. Não, eu não to por cima da carne seca**, eu to bem enforcada, mas eu vô paga a conta porque eu aproveitei. Esse foi um dinheiro bem aproveitado, não foi que nem o meu marido, sofreu doze ano, gastando, e esse meu filho ele bancava remédio de quinhentos reais pra ele, ele precisava de um remédio muito caro e esse meu filha bancou. Meu velho gastou tanto dinheiro com doença e eu gastei com a saúde, com a graça de Deus, né. ... é mais **eles se admiram muito de mim: Veio pra cidade, tá moderna. Não não tô moderna**. A gente faz o que pode, né, **mas não é por isso que a gente a casa da gente ta igual no sítio**, né. No sítio é aquela vida triste né que a gente passava, mas é a vida de todos né...²³

No recorte (24), predomina o uso dos verbos no presente do indicativo. Eles estão associados ao advérbio *agora*. Podemos ver que o verbo *sofrer* não é citado neste recorte; ao contrário, o sujeito fala de outra posição, modificado pela vida na cidade.

É possível notar várias passagens em que Matilde reproduz o discurso de outrem: “**Comadre Matilde tá bem, tá chique**”; “**Ah, tu tá por cima da carne seca**”; “**Veio pra cidade, tá moderna**”. Segundo Mainueneau (2001)

Mesmo quando o DD (discurso direto) relata falas consideradas como realmente proferidas, trata-se

²³ Matilde, entrevista concedida à Luci Schmoeller (2010).

apenas de uma *encenação* visando criar um efeito de autenticidade [...] como a situação de enunciação é reconstruída pelo sujeito que a relata, é essa descrição necessariamente subjetiva que condiciona a interpretação do discurso citado (p. 141).

O uso do discurso direto é uma estratégia utilizada por Matilde em seu discurso em diversas passagens. Mas o que nos chama a atenção é o recorte (24), pois há claramente uma reconfiguração da posição do sujeito, marcada através das vozes trazidas pelo discurso direto: “**os que ainda vêm de lá eles se admiram**, menina, aqui. **Eles dizem: Comadre Matilde tá bem, tá chique**,... eles dizem assim, né. **Eles me conheceram lá no sítio como eu era**”. O verbo admirar-se atribui uma valoração positiva à posição que o sujeito ocupa *hoje*, em contraposição à valoração negativa de *como o sujeito era* e, portanto, não é mais: “**No sítio é aquela vida triste** né que **a gente passava**”.

Algumas observações a partir da análise da entrevista II:

(a) Apesar de algumas passagens revelarem certa nostalgia e valoração positiva do campo, é recorrente a valoração negativa do campo como lugar de luta e sofrimento;

(b) No entanto, o sofrimento está associado não ao campo, mas à falta de instrução de quem vive no campo e, com ela, à falta de oportunidade de aumentar seu poder aquisitivo. Então, mesmo na cidade, esse sofrer pode ser encontrado em pessoas com baixa renda.

(c) O que se opõe são as posições do sujeito: no campo, marcada pelo *nós* e pelo verbo sofrer; na cidade, marcada pela *eu* e pela experiência positiva de viajar, vivida pelo sujeito do discurso a partir da melhora do poder aquisitivo.

(c) Ao abordar a nova posição do sujeito da cidade, a entrevistada utiliza-se da estratégia do discurso direto, representando as vozes de outrem.

(d) Os referentes *eu* e *nós* se intercalam para mapear a dispersão das diferentes posições do sujeito do discurso.

5 A IDENTIDADE DO MIGRANTE E A MODERNIDADE

A análise das entrevistas revelou a alteridade do sujeito, marcando suas diferentes posições, ora como homem do campo, ora da cidade, ora do bairro, ora da faculdade, enfim, um sujeito descentrado, ratificando as características do sujeito para a AD: o sujeito do discurso é histórico, social e descentrado. Descentrado, pois é cindido pela ideologia e pelo inconsciente. Histórico, porque não está alienado do mundo que o cerca. Social, porque não é o indivíduo, mas aquele apreendido num espaço coletivo. “O sujeito de linguagem é descentrado, pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam.” (ORLANDI, 2005, P.20).

O uso das diferentes formas de autorreferenciação demonstra que o sujeito é constituído por vários “eus”, caracterizado pela pluralidade. As diferentes posições que o sujeito ocupou no discurso ficaram evidentes através da análise apresentada e nos dão indícios de que a experiência da migração nos oferece em certa medida um rascunho do sentimento de descentramento experimentado todos os dias pelo homem moderno. O que parece estar em pauta é que o migrante toma consciência desse descentramento, embora atribua, ilusoriamente, à experiência da migração; já o sujeito moderno não se conscientiza desse processo de fluidez imposto pela modernidade.

Esta fluidez nas posições do sujeito é constitutiva da identidade. Através da linguagem o sujeito se configura e reconfigura, à medida que vai mapeando suas experiências.

Segundo Hall (1998) “dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (p. 13). Então, estamos em constante processo de construção, no curso do qual nos constituímos, produzimos discurso, nos alteramos com o *outro*, instauramos uma historicidade e marcamos nossa heterogeneidade.

Essa heterogeneidade não é característica só do migrante, mas do homem moderno, pois, na era moderna, a aceleração no ritmo de mudança é cada vez maior. A tecnologia é o maior referente desta característica da modernidade. Uma enorme gama de segmentos a segue de perto.

A respeito da modernidade, Marx afirma que “tudo que era estável e sólido desmancha no ar” (MARX e ENGELS, 2002, p. 29). Este é a principal característica da modernidade. Segundo Hall (1998), As sociedades modernas, por definição, têm essa característica de

mudança rápida, constante e permanente. É por isso que se distinguem das sociedades “tradicionais” (p. 14).

De acordo com Giddens (1991), nas sociedades tradicionais, há uma valorização dos símbolos e há veneração do passado, pois representam a experiência de gerações. O tempo é estruturado por práticas sociais recorrentes entre as gerações. Ao contrário, na sociedade moderna, as práticas sociais são constantemente “reformuladas à luz das informações recebidas sobre aquelas próprias práticas (p. 45).

O processo de globalização comprime o *espaço-tempo*, permitindo um contato em segundos com as notícias mais recentes de qualquer parte do globo. A distância não é mais algo mensurável, “o ‘longe’ e o ‘próximo’ dependem mais da possibilidade de o indivíduo ser ‘global’, ter acesso à internet, a meios de comunicação e transporte rápidos, a canais de televisão internacionais” (PERUCHI & CORACINI, *In: CORACINI*, 2003, p. 366). O processo de mudança da sociedade moderna conhecida por “globalização” tem impacto sobre a identidade cultural: “conforme diferentes áreas do globo são postas em interconexão, ondas de transformação social penetram através de virtualmente toda a superfície da Terra” (GIDDENS, 1991, p. 16). Giddens (1991) afirma que, na modernidade, há uma separação entre e *espaço* e o *lugar*. Nas sociedades tradicionais o *espaço* e o *lugar* são coincidentes (p. 26). O *lugar* é o ponto de contato com práticas sociais específicas que moldaram e formaram nosso modo de ser e com as quais a identidade está estreitamente ligada (HALL, 1998, p. 72).

O *lugar* permanece fixo, é uma coordenada geográfica, é nele que temos raízes, mas o *espaço* pode ser cruzado através das redes sociais distanciadas geograficamente. O que era longe, de difícil acesso, agora está perto e acessível. As relações sociais se perpetuam a distância, enquanto que a efemeridade das conexões sociais estabelecidas em circunstâncias de co-presença são cada vez mais frequentes. É o que Giddens chamou de *desencaixe e reencaixe* (1991, p. 84).

Esse *desencaixe* suscitou a necessidade de o homem do campo migrar para a cidade e essa experiência modificou seu modo de ser. Assim também há um sentimento de *desencaixe* característico do homem moderno. Sempre estamos à procura de um lugar onde possamos nos encaixar.

Os efeitos da globalização estão instaurando as chamadas “crises identitárias”: crise de referências culturais estáveis, da identidade como algo fixo, característico de uma sociedade num dado território delimitado por fronteiras que, hoje, não estabelecem mais diferenças ou

limites, demarcando onde, imaginariamente, terminava uma identidade e outra tinha início. Segundo Hall (1998), tal panorama afeta as identidades nacionais, produzindo efeitos: a) medo da desintegração cultural; b) reforço das identidades nacionais pela resistência; c) o nascimento de identidades híbridas (p. 73-75). Nesse hibridismo, está em questão a convivência da diversidade que provoca, inevitavelmente, transformações na cultura de um povo ou de um grupo social. Na sociedade moderna, as relações sociais se modificaram devido ao sentimento sempre presente de que estamos de alguma forma em *risco*.

Giddens denomina de *desatenção civil* o pano de fundo da era moderna, que molda a confiabilidade e segurança para formação de relacionamentos não virtuais. “A confiança nos outros é desenvolvida em conjunção com a formação de um Senso interno de confiabilidade, que fornece ulteriormente uma base para uma auto-identidade estável” (GIDDENS, 1991, p. 97). Precisamos nos sentir seguros, confiança é uma necessidade psicológica recorrente no ser humano. No entanto, esse sentimento é desestabilizado pela separação do *lugar* e do *espaço* na sociedade moderna.

Giddens (1991) apresenta um mapeamento das diferenças da sociedade pré-moderna e moderna:

Tabela 5: Ambientes de *Confiança* e *Risco* nas Culturas Pré-modernas e Modernas:

	Pré-modernas	Modernas
	<i>Contexto geral:</i> importância excessiva na confiança localizada.	<i>Contexto geral:</i> relações de confiança em sistema abstratos desencaixados.
Ambiente de confiança	1. <i>Relações de parentesco</i> com um dispositivo de organização para estabilizar laços sociais através do tempo-espaço.	1. <i>Relações pessoais de amizade</i> ou intimidade sexual como meio de estabilizar laços sociais.
	2. <i>A comunidade local</i> como um lugar, fornecendo um meio familiar.	2. <i>Sistemas abstratos</i> como meios de estabilizar relações através de extensões indefinidas de tempo-espaço.
	3. <i>Cosmologias religiosas</i> como modos de crença e práticas rituais fornecendo uma interpretação providencial da vida humana e da natureza.	3. <i>Pensamento contrafactual orientado para o futuro</i> como modo de conectar passado e presente.
	4. <i>Tradição</i> como um meio de conectar presente e futuro; orientada para o passado em tempo reversível.	
Ambiente de risco	1. Ameaças e perigos emanando da <i>natureza</i> , como a prevalência de doenças infecciosas, insegurança climática, inundações ou outros desastres naturais.	1. Ameaças e perigos emanando da <i>reflexibilidade</i> da modernidade.
	2. Ameaça de <i>violência humana</i> por parte dos <i>exércitos</i> pilhadores, senhores da guerra locais, bandidos e salteadores.	2. Ameaça de <i>violência humana</i> a partir da industrialização da guerra.
	3. Risco de uma <i>perda da graça religiosa</i> ou de influência mágica maligna.	3. A ameaça de <i>falta de sentido pessoal</i> derivada da reflexibilidade da modernidade enquanto aplicada ao eu.

Fonte: Giddens (1991)

Como se pode observar, a sociedade moderna modificou o ambiente humano e suas relações sociais. Mas, para esta pesquisa, é necessário focar em um ponto de modificação: o *lugar*. Nota-se que o *lugar* deixa de ser um ambiente de *confiança* para o homem moderno, deixando um sentimento de *risco*, reflexo da modernidade e da separação do *espaço* e o *lugar*:

Na grande maioria dos cenários pré-modernos, inclusive na maioria das cidades, o meio local é o lugar de feixes de relações sociais entrelaçadas.[...] A localidade nos contextos pré-modernos é o foco de, ou contribui para, segurança ontológica de maneiras que são substancialmente dissolvidas em circunstâncias de modernidade. (GIDDENS, 1991, p. 105)

Apesar de sentimentos de ligação íntima ou identificação com lugares ainda persistirem, esses sentimentos estão *desencaixados*, utilizando a denominação de Giddens, “não expressam apenas práticas e envoltimentos localmente baseados, mas se encontram também salpicados de influências muito mais distantes (1991, p. 110)

A moldagem e remoldagem da relação *espaço e lugar* têm efeitos profundos sobre a formação das identidades. Em se tratando de identidades nacionais, Hall (1998) afirma que as identificações globais começam a deslocar e, algumas vezes, a apagar as identidades nacionais, elas são enfraquecidas pelos efeitos advindos de processos globais: “à medida que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural” (p.74).

Por tudo isso, hoje, podemos nos sentir migrantes em nossa própria cidade. Já não nos reconhecemos como cidadãos natos, há diferenças gritantes no modo de ser das pessoas em diferentes bairros. Precisamos sempre estar modificando nosso modo de ser para nos adaptarmos a diferentes contextos nos quais formos inseridos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa exposta por esta dissertação comprometeu-se com a análise de entrevistas de migrantes, que deixaram o campo e foram morar na cidade, buscando marcas linguísticas que explicitassem um deslocamento de sua identidade, a fim de fornecer um exemplo da fluidez de identidade experimentada pelo sujeito moderno.

Para atingir esse objetivo, fez-se necessário recorrer aos estudos da linguagem, mais precisamente, à Teoria da Enunciação e à Análise do Discurso. Um breve histórico dos estudos acerca do sujeito e sua relação com a linguagem revelou que “o homem se constitui como sujeito na e pela linguagem” (BENVENISTE, 1995, P. 286). Vendo a linguagem como interação entre sujeitos, percebemos que os discursos trazem certas marcas linguísticas que podem ajudar a delinear este sujeito em um determinado contexto discursivo. Foi possível, então, analisar o discurso dos migrantes e pinçar essas marcas linguísticas que nos ajudaram a identificar a identidade fluida do homem do campo que migra para a cidade.

A questão da *identidade*, levantada por diversos sociólogos e filósofos, foi abordada na tentativa de desenhar e esclarecer o que deva ser *identidade*. Todos os estudiosos consultados foram unânimes em um aspecto: a *identidade* é fluida. O homem está em constante transformação, portanto sua identidade está em constante processo, sua construção “assumiu forma de uma experimentação infundável. Os experimentos jamais terminam” (BAUMAN, 2005, p. 91). É certo que o homem é um ser social e, como tal, sua identidade é construída em oposição ou não ao outro. Pertencer a um grupo social, identificar-se com outras pessoas provêm do anseio por segurança. Contudo, essa segurança está cada vez mais tênue, devido às consequências que a modernidade trouxe, o descentramento dessa identidade e o sentimento de não-pertencimento está na ordem do dia.

A modernidade trouxe uma separação do *espaço* e do *lugar*. Não há mais uma identificação entre sujeitos através de um *lugar*. Antes, o território que o homem ocupava era berço de uma amálgama cultural, formando o que se chama de identidade. Na modernidade, as longas distâncias são encurtadas pela globalização da informação. Pode haver interação entre duas pessoas a quilômetros de distância e não haver interação entre vizinhos. Essa nova forma de ver o mundo também cria novos modos de ser, novas identidades, e nova relação entre o homem e a terra.

Como vimos, é possível rastrear no discurso os momentos e movimentos de identificação através de uma análise que busca capturar fios da tessitura do sujeito na linguagem.

Entre os pontos antagônicos que a modernidade suscita, dois se destacam: o campo e a cidade. Lugar em que as tradições são mais duradouras, lugar da inocência bucólica e das relações sociais mais estáveis, o campo influencia o modo de ser daquele que o habita. O mesmo se dá na cidade, lugar da efemeridade trazida pelo avanço tecnológico.

Justamente por serem antagônicos, esses dois “habitat” formam o contexto no qual viveram os migrantes entrevistados nesta pesquisa. Joinville (SC), devido à sua forte industrialização na década de 70, recebeu diversos migrantes com o sonho de uma vida melhor. As ofertas de emprego se multiplicavam, não mesma proporção da chegada dos migrantes. Muitos vieram com a família, algum dinheiro, ou nenhum, para Joinville, deixando no campo seus amigos, sua terra e seu modo de ser para se tornar outro, diverso, distinto do que fora. Foi importante a contextualização do momento histórico da cidade de Joinville para entendermos a história que permeia o modo de ser desses migrantes.

Partimos das regularidades e irregularidades presentes nos discursos que apontaram para as seguintes constatações:

1. A dicotomia que pressupúnhamos entre campo e cidade não se sustenta. Essa natureza antagônica mostrou-se pequena, incerta. A pesquisa apontou outra dicotomia: as experiências negativas e positivas vividas pelo sujeito.
2. A idealização do campo que aparece nas entrevistas é ressignificada pelas experiências negativas que os sujeitos expunham. O sujeito do campo não se inscreve em oposição ao sujeito da cidade na materialidade da língua na entrevistas. Tanto o campo quanto a cidade são lugares em que se experimentam angústias, vividas pelo mesmo sujeito.
3. As experiências positivas estão relacionadas à cidade e às oportunidades que a cidade oferece: maior instrução, melhora de vida. Nesses casos, a posição de sujeito muda em relação ao sujeito do campo.
4. A expectativa de encontrar uma idealização da vida no campo, opondo-se à vida na cidade, foi frustrada. Os sujeitos

entrevistados reconhecem que a migração aconteceu devido ao sentimento de *desencaixe* existente no campo. Há uma ruptura dessa idealização, a partir da qual os sujeitos proferem seus discursos, ressignificando o campo e a cidade.

5. As experiências são marcadas no discurso por regularidades linguísticas. Elas ressignificam as posições do sujeito, explicitando a fluidez constitutiva da identidade e a heterogeneidade subjetiva. As marcas linguísticas revelaram um sujeito cindido, não único, fluido. Esses aspectos são próprios da identidade. Assim, pudemos delinear o deslocamento experimentado pelo sujeito migrante como exemplo de descentramento que é próprio do sujeito moderno.

A mesma relação que o migrante tem com o *lugar*, sua terra natal e sua nova terra, o homem moderno experimenta através dos efeitos da efemeridade trazida pela separação do *espaço* e o *lugar* da era moderna. Seu sentimento de pertencimento e segurança está cada vez mais se desfazendo.

A questão da identidade sempre supôs uma unidade e uma homogeneidade aparente, mas ilusória. Somos heterogêneamente constituídos. Levar em conta esta heterogeneidade e, portanto, a complexidade que nos constitui a todos nos torna mais sensíveis ao sentimento de deslocamento e nos permite compreender melhor e melhor dominar nossas frustrações e decepções. Para isso, é preciso também levar em conta as posições ocupadas pelos sujeitos no mundo moderno e a complexidade das relações dos indivíduos com o espaço que ocupam no mundo globalizado.

Esta pesquisa, muito mais que para a academia, foi importante para mim, uma oportunidade de repensar minha própria história e identidade. Por esse motivo, houve muita dificuldade em me distanciar das minhas convicções para analisar os dados como eles se apresentavam. Foi um processo lento de reconstrução do olhar de pesquisadora para conseguir deixar que os dados falassem por si.

Depois de analisar os dados, foi preciso olhar para mim mesma, para a construção da minha identidade e ver que muito do que eu pensara encontrar não foi encontrado. Foi preciso, então, reconfigurar minhas idealizações, meu sentimento em relação do campo e ao não-pertencimento, minhas próprias posições de sujeito. A reflexão oportunizada por esta pesquisa ajudou-me a entender a construção heterogênea da minha subjetividade e a me situar nesse contexto.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **A favor de Marx**. 1966. Disponível em: www.books.google.com.br. >acesso em 02/11/2010.

BAKHTIN, M.M. **Estética da criação verbal**. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000

BAUMAN, Zygmunt. . **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro (RJ): Zahar, 2003.

_____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro. Zahar, 2001.

_____; VECCHI, Benedetto. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro (RJ): Zahar, 2005.

BENVENISTE, Emile. **Problemas de Linguística geral I**. 4. ed Campinas, SP: Pontes: Ed. da UNICAMP, 1995.

_____. **Problemas de Linguística geral II**. Campinas, SP: Pontes Editores, 1989.

BERTOLDO, Ernesto S. *In*: CORACINI, Maria Jose Rodrigues Faria. **Identidade & discurso: (des)construindo subjetividades**. Campinas: Ed. UNICAMP, Chapecó: ARGOS, 2003.

BLAY, Eva Alterman org. **A Luta pelo espaço: textos de sociologia urbana**. Petropolis: Vozes, 1978.

BRANDAO, Helena . **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1991.

BRANDÃO, R.C. **Identidade e etnia: Construção da pessoa e resistência cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

CORACINI, Maria Jose Rodrigues Faria. **Identidade & discurso: (des)construindo subjetividades**. Campinas: Ed. UNICAMP, Chapecó: ARGOS, 2003.

CORSINI, Leonora. **Repensando a identidade no contexto das migrações**. Revista: Psicologia & Sociedade. 18(3) Set/dez p, 23-33, 2006

CHAMBERLEIN, Mary. **Narratives of exile and return**. New Jersey, 1947. Disponível em: www.books.google.com.br > acesso em 02/11/2010.

CUNHA, José M. P. **Migração e urbanização no Brasil**: alguns desafios metodológicos para análise. São Paulo em perspectiva. v. 19, n.04. p. 3-24, out/dez 2005.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987

DURHAM, Eunice R. **A caminho da cidade**: a vida rural e a migração para São Paulo. São Paulo: Perspectiva, 1984.

ECKERT-HOFF, Beatriz. *In*: CORACINI, Maria Jose Rodrigues Faria. **Identidade & discurso**: (des)construindo subjetividades. Campinas: Ed. UNICAMP, Chapecó: ARGOS, 2003.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. **Introdução à lingüística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2005.

FERREIRA, Maria das Graças; ETGES, Norberto Jacob. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA Centro de Ciências da Educação. **A produção da subjetividade mediada pelo trabalho** um estudo dos trabalhadores assalariados rurais temporários migrantes, "boias frias", do norte do Paraná /. Florianópolis, 1999. 74 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação.

FUSCO, Wilson. **A formação de Comunidades-Filhas no Fluxo de Brasileiros para os Estados Unidos**. São Paulo em perspectiva, v. 19, n.3, p.55-63, jul./set, 2005.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**/ João Wanderley Geraldi. 4. ed São Paulo: M. Fontes, 1997.

GIDDENS, Anthony . **As consequências da modernidade**. São Paulo: (2. reimpressão) Ed. UNESP, 1991

GUIMARÃES, Eduardo. **Os limites do sentido : um estudo histórico e enunciativo da linguagem.** Campinas: Pontes, 1995.

HALL, Stuart. . **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, Brasília: UNESCO, 2003.

_____ **A identidade cultural na pós-modernidade.** 2. ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna.** 16ª Ed. São Paulo: Loyola, 2007. Disponível em: www.books.google.com.br > acesso em 02/11/2010

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IBGE, Censo demográfico 1940/2000. Dados extraídos de: Estatísticas do século XX. Rio de Janeiro: IBGE, 2007. Diversas tabelas <www.ibge.gov.br/séries_estatísticas> Acesso em: 13/03/2010

LAURENTI, Carolina & BARROS, Mari Nilza Ferrari de. **Identidade: Questões conceituais e contextuais.** PSI – Revista de Psicologia Social e Institucional. V 2. n 01. Jun.2000. Disponível em: [www.2.uel.br/ccb/psicologia/revista/textov2n13.htm](http://www2.uel.br/ccb/psicologia/revista/textov2n13.htm) > Acesso em 05/11/2010.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação.** São Paulo: Cortez:2001.

MAHEIRIE, Kátia. **Constituição do sujeito, subjetividade e identidade.** Revista Interações. São Paulo, v 7, n. 13, jun.2002. Disponível em: <http://pepsic.homolog.bvsalud.org/scielo.php> >acesso em 24/10/2010.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista.** Porto Alegre, L&PM, 2002.

NIEHUES, Valdete D. **De agricultor a operário: Lembranças de migrantes.** 2000. 245p. Dissertação (Mestrado em História) – Programa

de Pós-graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

ORLANDI, Eni Pucinelli . **Discurso & leitura**. 3. ed. São Paulo (SP): Cortez, 1996.

_____. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 4. ed Campinas: Pontes, 1996.

_____. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes.1999.

_____. (org.) **Gestos de Leitura**. Da História no Discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

_____. **Análise do Discurso: princípios & procedimentos**. ed. 6°. São Paulo: Pontes, 2005.

ORLANDI, Eni Pucinelli; GUIMARÃES, Eduardo; TARALLO, Fernando. **Vozes e contrastes: discurso na cidade e no campo**. São Paulo: Cortez, 1989.

PERUCHI, Ingrid e CORACINI, Maria J. R. F. *In: CORACINI, Maria Jose Rodrigues Faria. **Identidade & discurso: (des)construindo subjetividades***. Campinas: Ed. UNICAMP, Chapecó: ARGOS, 2003.

PECHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 3. ed Campinas: Ed. da UNICAMP, 1997

ROCHA, Isa de Oliveira. **Industrialização de Joinville – SC: da gênese às exportações**. Florianópolis, 1997.

ROSA, Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SHERER, Amanda, *et ali.* In: CORACINI, Maria Jose Rodrigues Faria. **Identidade & discurso:** (des)construindo subjetividades. Campinas: Ed. UNICAMP, Chapecó: ARGOS, 2003.

TERNES, Apolinário. **História econômica de Joinville.** Joinville: Meyer, 1986.

WILLIAMS, Raymond . **O campo e a cidade:** na história e na literatura. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.